

Julieta Matos Freschi
Luana Carvalho Silva
Mara Vanessa Fonseca Dutra

CADERNO DE RESULTADOS SERRACIMA

1ª Edição

Cunha - SP
SerrAcima
2015

realização:



patrocínio:



PETROBRAS



A agroecologia
que nós
praticamos:

Estimula
processos de
experimentação
e trocas de
experiências

Incentiva o
trabalho em
mutirões

Tem partilha,
solidariedade e
colaboração

Valoriza
diálogos e
construção
coletiva dos
saberes

Baseia-se na
organização
coletiva

Aproxima
agricultores,
agricultoras e
consumidores

Valoriza e dá
visibilidade
a mulheres e
jovens

Busca
estabelecer
relações
equânimes de
gênero

Elimina
o uso de
agrotóxicos

Gera trabalho
e renda

Conserva e
recupera o solo,
a água, a Mata
Atlântica e os
demais recursos
naturais

Garante
soberania e
segurança
alimentar e
nutricional para
todos

Promove
autonomia das
famílias nas relações
de produção e redução
da dependência de
insumos externos

Diversifica
a produção

Créditos

Inspiração: trabalhos realizados, textos, boletins e outros materiais didáticos SerrAcima, experiências de agricultoras e agricultores familiares em transição agroecológica e suas organizações, equipe SerrAcima e parceiros.

Concepção: Julieta Matos Freschi, Luana Carvalho Silva, Mara Vanessa F. Dutra

Sistematização e organização do material: Julieta Matos Freschi e Mara Vanessa F. Dutra

Revisão: Augusto Marcos de Oliveira Santiago, Julieta Matos Freschi, Mara Vanessa F. Dutra e equipe SerrAcima

Entrevistas: Coletivo Sendero, Julieta Matos Freschi e Mara Vanessa F. Dutra

Textos: Julieta Matos Freschi, Luana Carvalho Silva, Acervo e materiais didáticos SerrAcima.

Fotos: Acervo SerrAcima, Equipe SerrAcima, Augusto Santiago, Eduardo Di Napoli

Edição: Mara Vanessa F. Dutra

Projeto gráfico, editoração e ilustrações: Vânia Medeiros

Equipe SerrAcima
Alketa Bestaku – Técnica Administrativo-Financeira
Ismael Soares Filho – Assessor Técnico
Luana Carvalho Silva – Coordenadora Executiva
Síntia Barboza Bastos – Assessora Técnica

Número ISBN: 978-85-486-00005

Eu venho de uma família de agricultor que só comprava querosene e sal. O resto papai colhia tudo em casa, arroz, feijão, milho, batata, quiabo, pepino, inhame e vai por aí afora. Eu fui para a indústria, mas voltei a resgatar a agricultura familiar. Temos um pouco de experiência nisto. Dia 2 de fevereiro de 2012 começamos no curso da SerrAcima. E a gente vem batalhando, tentando comercializar aquilo que estamos perdendo, investindo de tudo um pouco: pinhão, palmito, inhame, banana, mandioca, maracujá... Já estou fabricando na minha casa a canjiquinha e o fubá caseiro. Nossa tentativa é entrar no comércio.

Moizés Chaves Dionízio

Integrante do Grupo de Agricultores Familiares Agroecológicos de Cunha - GAFAC, Bairro Pinhal/Cunha

Já temos confiança muito grande e freguês fiel, porque aqui tem um produto diferenciado: temos preço bom, um nome valorizado e um vínculo de amizade.

José Lourival Pereira, "Val"

Integrante do GAFAC e vice-presidente da SerrAcima, Bairro da Vargem Grande/Cunha



PARA ALÉM DOS NÚMEROS, TEMOS RESULTADOS EM PROCESSOS	9
A GENTE NÃO TEM MAIS MEDO	15
JEITOS DE FAZER	19
Nossa agricultura é familiar	19
Juventude	22
Laços de trabalho e amizade	27
Trocas, partilhas, mutirões, intercâmbios	30
Diálogo e construção de conhecimento	37
Grupos e organização social	44
Os frutos da disseminação	47
PRÁTICAS QUE MUDAM A VIDA	51
Transições	55
Transição agroecológica e segurança alimentar	55
Sementes crioulas	61
Sistemas agroflorestais	66
Pecuária agroecológica	70
Transição da pecuária extensiva	71
Galinhas caipiras	75
Águas e matas	77
Proteção e Recuperação de Nascentes e Rios	78
Tratamento da Água	82
Comercialização e beneficiamento	87
O OLHAR DOS CONSUMIDORES	99
REDES DE ARTICULAÇÃO, PARCERIAS E INCIDÊNCIA POLÍTICA	103
Temos feito uma articulação que pra nós é bastante valiosa	103
O poder público não consegue fazer sozinho	106
O CAMINHO SERRACIMA	111
Olhando para frente	114

PARA ALÉM DOS NÚMEROS, TEMOS RESULTADOS EM PROCESSOS

Este caderno apresenta os resultados dos últimos dois anos do Projeto “EMPREENDEMENTOS COMUNITÁRIOS: CRIANDO AMBIENTES PARA A GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA NO MUNICÍPIO DE CUNHA – SP E REGIÃO” com patrocínio da PETROBRAS através do Programa Desenvolvimento & Cidadania, e reflete a trajetória de parceria de mais de uma década da Serra Acima - Associação de Cultura e Educação Ambiental com agricultoras e agricultores familiares de Cunha / SP e região.



Hoje, do que pomos na nossa mesa, em torno de 70 por cento é a gente mesmo que produz. Trabalhando aqui eu sou dono do meu tempo, eu faço o que eu quero e foi isso a grande coisa que eu consegui conquistar: a minha autonomia.

José Lourival, “Val”
Cunha

Neste momento, final de 2015, estamos finalizando um terceiro ciclo de projeto com patrocínio da Petrobras. Esta parceria, iniciada em 2009, possibilitou ampliar o foco do trabalho para o desenvolvimento rural sustentável como um todo, levando em conta, além da questão ambiental, as demandas das famílias agricultoras com suas identidades, realidades e saberes e a necessidade de garantir sua permanência e sustento no campo. Em uma perspectiva, para além da produção e reprodução das famílias no campo, de possibilitar a inserção das mesmas como protagonistas na sociedade.

Não foi da noite para o dia: através de um processo contínuo de trocas, experimentação, consolidação e disseminação de experiências em transição agroecológica, as famílias vêm dizer que se beneficiam de um esforço coletivo, de uma forma de trabalhar juntas. Falam com orgulho de sua autonomia, da renda que produzem e da visão de futuro que as guia. São hoje cerca de 100 famílias envolvidas concretamente com diversas práticas e experiências produtivas, organizativas e econômicas que mostram caminhos viáveis para o desenvolvimento rural em bases sustentáveis a partir da agricultura familiar. Grupos de famílias agricultoras se organizam cada vez mais, participam de espaços públicos, se reúnem e fazem monitoramento de seu trabalho, como o grupo de certificação participativa da produção agroecológica, o grupo que vem desenvolvendo experiências agroecológicas na pecuária, o grupo que comercializa os produtos junto ao Programa Nacional de Alimentação

Escolare e o Grupo de Agricultores Familiares Agroecológicos de Cunha – GAFAC.

É muito significativo que, além dos ganhos na geração direta de renda monetária com a comercialização da produção agroecológica, as famílias estejam também contabilizando ganhos em renda indireta. A partir do momento em que deixam de comprar alimentos, remédios, por estarem produzindo seu próprio alimento e aproveitando os recursos de seus sistemas produtivos, fazendo a eliminação gradativa do uso de agrotóxicos e outros insumos químicos, as mudanças na alimentação e na forma de produzir se refletem diretamente na segurança alimentar, na saúde e na economia, agregando ainda mais valor ao processo de transição agroecológica das unidades de produção familiar.

A persistência das famílias toda semana nas feiras agroecológicas de Cunha e de Campos Novos por si só já seria outro

resultado importante, porém o fato é que essas feiras não apenas persistem, mas foram consolidadas e estão se ampliando. Hoje, 16 famílias vivem das vendas nas feiras e do abastecimento ao Programa Nacional da Alimentação Escolar, garantindo às escolas públicas no município 33% dos alimentos consumidos pelos alunos, com produtos 100% agroecológicos.

Outro resultado significativo deste último ciclo de trabalho é um conjunto de cerca de dez experiências no que estamos chamando de pecuária agroecológica. Temos associado cuidados com o bem-estar e o desenvolvimento dos animais à produtividade e ao manejo ecológico das pastagens e demais recursos naturais, investindo em um conjunto de práticas como piqueteamento, diversificação de pastagens, adubação verde, sistemas silvipastoris e proteção de nascentes, com resultados expressivos percebidos pelas famílias, que relatam essas experiências



como parte positiva do desenvolvimento geral de suas propriedades.

A partir da consolidação das experiências desenvolvidas pelas famílias agricultoras em parceria com SerrAcima, continuamos a apostar no diálogo para a disseminação do trabalho na região e no último período do projeto convidamos dois novos municípios a participar, resultando no engajamento de cerca de 60 novas famílias de Lagoinha e de Silveiras, em diferentes processos.

Porém, mais do que resultados em números, que são muitos, temos resultados em processos. Os agricultores e agricultoras e as comunidades tradicionais foram historicamente desvalorizados e seus direitos negados. Resgatar a autoestima contribui para que as coisas se concretizem, as pessoas se animem e apostem em outros caminhos possíveis, nos quais agricultoras e agricultores podem ter seus empreendimentos, se organizar, decidir o quê e como vão produzir. Caminhos nos quais todos e cada um possam propor e construir, inclusive politicamente, questões que norteiam o desenvolvimento das cidades,

do campo, do Brasil como um todo, enxergando a vida a partir de outros valores, como a solidariedade, a partilha, a manutenção da biodiversidade. Os processos vividos nos levam a afirmar que esses caminhos nos quais estamos apostando são viáveis. De fato, quando se faz a proteção de nascente, se está recuperando a água; quando se protege o solo, se está melhorando a produção; quando se para de usar veneno, se está melhorando a saúde; e quando se valoriza e se garante os direitos à mulher, as coisas mudam para melhor dentro da família, rompendo com um machismo que oprime e estabelecendo relações de verdadeira parceria entre homens e mulheres.

Estamos sempre esperançosos e muito animados, com vontade de continuar e felizes por ver depoimentos que demonstram que as coisas estão mudando concretamente. Isso nos empolga muito! Saber que estamos fazendo juntos é muito motivador para quem trabalha com agroecologia, para quem acredita num outro rumo para o mundo.

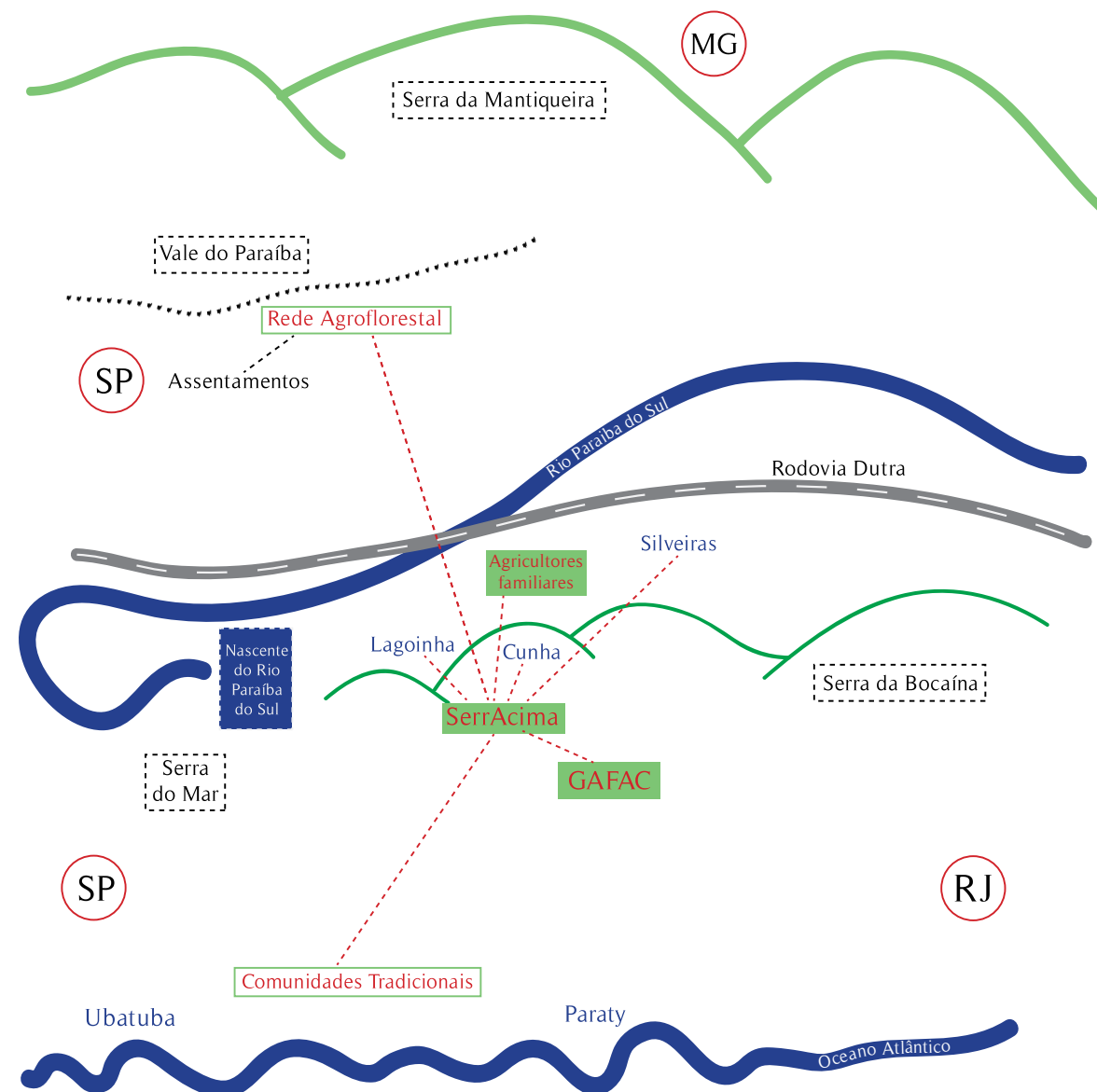
Luana Carvalho Silva

Engenheira agrônoma/
Coordenadora executiva SerrAcima





Região de abrangência



A GENTE NÃO TEM MAIS MEDO



Depois que comecei a trabalhar para mim, por conta própria, melhorou muito. A qualidade de vida é outra porque a gente se alimenta melhor e trabalha perto de casa. Dorme melhor. É um produto bonito, saudável, qualquer um pode chegar na horta e comer. A gente não tem mais medo. Hoje em dia meu sobrinho de três anos pode vir para a roça com a gente, mas antes eu não teria coragem, no tempo do outro modelo de produção. Para quem está há seis anos no mercado trabalhando com produtos agroecológicos e não pensa em parar, eu acho que deu certo. A família está contente. A gente não pensa 'Se um dia eu parar, o que eu vou fazer? O que vai ser de mim?'. A gente não se imagina sem esse trabalho agora.

José Augusto Amâncio, "Gu"
Integrante GAFAC e tesoureiro
SerrAcima, Bairro da Roça Grande/
Cunha

A gente sonhava desde pequeno que todos tivessem acesso ao alimento e hoje estou realizando esse sonho: já podemos comercializar nosso produto bem perto, principalmente nas escolas. Podemos colher e já entregar tudo fresquinho. Com isso eu fico muito contente, muito feliz, estou satisfeita e acho que é o caminho para um futuro melhor para todos.

Maria Dolores, "Dona Lurdinha"
Integrante GAFAC
Bairro Vargem do Cedro/Cunha



Nos projetos da SerrAcima a gente consegue mobilizar as pessoas e criar autonomia. Eu tinha esse pensamento de ir para a cidade porque aqui não oferecia trabalho. Agora já mudei radicalmente meu pensamento: vi que podemos produzir muito alimento em pouco espaço, podemos vender, então não precisamos ir para a cidade.

Lucimeire Alves de Toledo Pereira
Integrante GAFAC, Bairro Vargem Grande/Cunha



Hoje eu não trabalho mais para fora, trabalho para mim mesmo. O meu salário eu arrumo com meu serviço. Para mim, é o melhor do mundo.

Ailton Ferreira Chaves, "Zac"
Integrante GAFAC, Bairro Santa Bárbara
Cunha

O trabalho deu um alerta nas pessoas, que não conheciam o que era poder público. Fomos ver que os produtores não tinham uma nota fiscal, não trabalhavam legalmente, não tinham visão do que era uma agroindústria, de legalizar o seu produto e agregar valor. E agora isso mudou: todo mundo que está aqui entrega na prefeitura, sabe enfrentar na hora que precisa e vende com nota fiscal. Sabemos corrigir o que foi feito errado. Temos obrigação de correr atrás e lutar pelos nossos direitos, mas antes a gente comia pela mão dos outros.

José Lourival, "Val"
Cunha



A agroecologia é uma proposta de agricultura baseada no manejo ecológico dos agroecossistemas, viável economicamente e justa socialmente. Na contramão do agronegócio, que vem pautando uma produtividade a qualquer custo, a agroecologia parte de diferentes experiências locais para a construção de caminhos concretos de desenvolvimento, baseada na sinergia da produção com a conservação dos recursos naturais, da biodiversidade, da cultura e da identidade locais; na construção coletiva e colaborativa; na valorização das mulheres, jovens, das pessoas em geral; na valorização das trocas, das partilhas e da realidade das pessoas envolvidas. A agroecologia pensa a produção de alimentos em benefício da saúde tanto das famílias produtoras como dos consumidores e situa as agricultoras e agricultores familiares como guardiões da vida, em prol de sua plena reprodução.

JEITOS DE FAZER

Nossa agricultura é familiar

*Não precisamos de muita coisa, somente uns dos outros

Apareceu a proposta do curso e nós já estávamos com vontade de fazer. Primeiro, fomos eu e minha mãe, na turma 1. Na turma 2, o meu pai participou e no ano passado o meu irmão veio se juntar a nós. Eu e meu pai, só nós dois, não iríamos dar conta de produzir tudo isso. Se não tiver a família, não consegue. E se for pagar uma pessoa para trabalhar para a gente, além de ficar caro, ela tem que enxergar com outros olhos a produção de alimentos. A agroecologia acaba envolvendo do mais novo da família até a pessoa mais velha.

José Augusto, “Gu”
Cunha



* Mutirão para construção de fossa séptica, propriedade Tamires e Otávio, bairro da Vargem Grande/ Cunha.



* Frase de Carlito Maia citada por sua irmã, Dulce Maia, uma das fundadoras da SerrAcima, durante entrevista para este Caderno

Vou voltar no passado: o meu avô e a minha avó passaram para mim a partilha. Eu não faço para vender para fora, é mais familiar mesmo, para a família, para os amigos. O nosso sustento é mais o leite. As verduras, eu planto e o pessoal vem buscar e doo para os velhinhos. Tem muitas pessoas doentes que não têm como comprar, não têm o dinheiro. Se vou visitar um doente, levo espinafre, alface, cebolinha. A minha avó já fazia isso, eu vim dessa geração, não trabalho pensando em ficar rica, quero enriquecer de alegria os corações, é isso que aprendi do passado e a gente vê que hoje em dia se perdeu. Eu tento, enquanto tiver força, passar o que aprendi, o que ficou dentro e que carrego na prática.

Olinda Lopes de Siqueira
Agricultora familiar,
Bairro Macaquinhos/Silveiras



Houve uma mudança em manter a agricultura familiar envolvendo toda a família, pai, mãe, avô, filhos. Antes, eu fazia parte de um grupo que meu filho e meu pai nem sabiam o que era, mas hoje estão todos envolvidos.

José Lourival, “Val”
Cunha



A agroecologia envolve a família toda. A gente trabalha junto e dá para manter. Nós somos quatro irmãos, é uma boa você envolver a família inteira, é gostoso.

Hailton Monteiro Pereira
Integrante GAFAC e conselho
fiscal SerrAcima
Bairro Pinheirinho/Cunha

Juventude:

Quem tem o exemplo, passa para a frente

Eu quero ir para a cidade grande estudar, mas depois retornar. Quero ser veterinária. Me sinto orgulhosa porque vejo que meu pai e minha mãe fazem um bem para a natureza e quero seguir o que eles já estão fazendo. Recomendo a todo mundo, porque plantar é continuar com a vida

Naíse Toledo

Jovem agricultora familiar
Bairro Vargem Grande/Cunha



Vou contar a história do meu filho, que fez o curso da Serracima junto comigo e com 26 anos está fazendo faculdade, Educação do Campo. Ele vai ser professor mas não vai sair da roça, vai continuar junto comigo.

Lorival José Teixeira

Integrante GAFAC e conselho fiscal SerrAcima
Bairro Vargem do Cedro/Cunha

Meu filho com 22 anos foi para fora, ficou três meses e voltou, aqui ele se sente melhor do que lá. Minha filha terminou os estudos, voltou e me ajuda na roça. Ela tem 18 anos e tirou até a carteira de motorista, tudo com o trabalho dela.

Julio César Silva Pacheco

Agricultor familiar
Bairro Vargem Grande/Cunha



Minha filha me vê conseguindo tudo com o trabalho. Então, para que ela vai mudar? Se eu consigo, ela também vai conseguir. O exemplo está entre nós que somos os pais. Por exemplo, nós estamos vendendo as verduras. Como ela vai plantar, se o pai está plantando e não tem para quem vender? Mas se ela me vê produzindo, tendo como vender e conseguindo o que quero, tudo de conforto, ela vai querer ficar ali, que o melhor lugar de morar é na roça. O povo da roça só quer o apoio para ficar lá, só sai às vezes obrigado, quando não tem como. A SerrAcima nos apoiando é o maior incentivo e ajuda que a gente precisa.

Ailton, “Zac”
Cunha



O meu pai teve 13 filhos e não deixou meus irmãos passarem fome. Esse laço de amor é o que faz as coisas irem mudando, devagarzinho. Quem tem o exemplo passa para a frente. A gente criou três filhos aqui na roça: uma está fazendo faculdade, mas não perdeu o clima da roça, gosta de ajudar. O que tem 23 anos é assim também, chega e vai para o mangueiro com o pai... Aquilo que é de berço, por mais que a cidade queira tirar, está no coração. Estou com 50 anos, mas entendo o que é o tempo que eu fui criada e o que é o tempo de hoje: é celular, computador, comunicação... Mas meus filhos, quando vão para a horta comigo, comentam: “mãe, que lindo!” e minha filha me chama de mãe guerreira. É um orgulho para a gente, mesmo sabendo que eles foram embora para estudar, para ir atrás do sonho, que é um direito deles. Lembro dessa frase que minha avó dizia: “não importa a quantidade daquilo que você faz, mas a qualidade e o amor que coloca em tudo o que vai fazer”.

Dona Olinda
Silveiras



Uma coisa que o jovem busca muito lá fora é esta ambição de completar seus 18 anos e comprar uma moto, um carro e hoje ele consegue adquirir isto na roça. Hoje avançou muito na roça, a tecnologia chegou para a gente, internet, telefone.

José Lourival, "Val"
Cunha

Laços de trabalho e amizade



* V Feira de Troca de Sementes Crioulas e Mudas de Cunha e Região - 2015

Além da renda, conquistamos muita amizade. Tem umas dez famílias que a gente não conhecia, mas devido às reuniões da SerrAcima nos tornamos amigos e é muito bonita a amizade e a união.

Marilza Lopes da Silva Prado Reis
Integrante GAFAC, Bairro Boa Vista/Cunha



Na feira existe uma parceria, temos a preocupação de justificar as ausências, existe o compromisso, um ajuda a montar a banca do outro que está atrasado, se um carro quebra temos obrigação de socorrer quem fica no caminho e trabalhamos só com um preço, não furamos o olho um do outro.

José Lourival, "Val"
Cunha

Tem várias pessoas em processo de conversão para a agroecologia. A gente não deixa essas pessoas se acomodarem, estamos sempre visitando, trocando ideias e chamando para as reuniões. Este trabalho é bom porque é o grupo construído como se fosse uma família, a gente sente como membro um do outro. Nós estamos construindo a agroecologia desta forma.

Lucimeire
Cunha



É significativo para mim este nosso trabalho em equipe. Isso dos agricultores tentarem se organizar também reflete na equipe, temos que estar sempre unidos e organizados. Com esta coordenação, a gente senta, conversa e discute as coisas junto, fica um trabalho mais tranquilo e transparente e decidimos as coisas no coletivo.

Sintia Barbosa Bastos
Veterinária homeopata/ assessora técnica SerrAcima

É sempre um comunicando com o outro. Por exemplo, hoje eu tenho bastante alface, e vocês, têm? Então eu não vou levar todo o meu porque eles também precisam escoar o deles, para o grupo crescer junto.

Maria Dailsa de Carvalho Amâncio
Integrante GAFAC, Bairro Roça Grande
Cunha



Fico satisfeita na SerrAcima com a transparência, a gestão participativa e a afirmação da agroecologia, que está cada vez mais firme com as famílias e ganhou mais visibilidade no município. Aprendi a ouvir o outro até o final e saber que tem vários pontos de vista que dependem da história e do lugar de fala de cada um. Eu me sinto em casa na SerrAcima, porque essa é a minha causa de vida.

Alketa Bestaku
Técnica administrativo-financeira da SerrAcima

Trocas, partilhas, mutirões e intercâmbios

Em todo mutirão que a gente vai, se cria uma ideia diferente



No tempo de eu criança, os mutirões de antigamente eram de 40, 50 homens. Fazia cordão nesses campos aí, com um dia roçava tudinho os pastos. Meu pai matava um garrote para a gente comer, juntava aquele mundaréu de gente. De noite ainda fazia forró, a turma gostava.

Donizeti Libânio de Siqueira
Agricultor familiar
Bairro Macaquinhos/Silveiras



Nesta união, trabalhamos em grupo, em mutirão. O grupo nosso da SerrAcima vai na casa do outro em mutirão, faz o plantio ou outra atividade, como a proteção de uma fonte de água. Sempre nos reunimos em dez, quinze pessoas e fazemos um rodízio. É assim que a gente está trabalhando e observamos que a amizade fortaleceu e que criamos novos amigos, a gente começou a aprender com eles e eles com a gente.

Marilza
Cunha

A gente fazia mutirão principalmente para fazer as lavouras, que era uma coisa tão importante naquele tempo. Chegava no final do ano fazia de novo para colher e guardar a lavoura toda, era o alimento que a gente tinha durante o ano inteiro. Naquele tempo não tinha grande dinheiro, mas todo mundo tinha o alimento em fartura porque usava o mutirão e repartia para aqueles que não tinham a terra para plantar. Era muito legal isso e está voltando de novo essa tradição, estamos procurando resgatar.

Maria Dolores, "Dona Lurdinha"
Cunha

O mutirão não é da SerrAcima nem é novo, a gente fazia mutirão no sábado quando eu era criança para barrear a casa, que era de pau-a-pique, preparar a terra e depois comer junto.

Moizés
Cunha

Na época do meu pai era feito muito mutirão para roçada de pasto, limpada de milho. Meu pai gostava de participar, ele cantava e quando plantava pegava a demanda de cantoria, cantava verso um pro outro, provocando e o outro respondia.

Maria Dailsa
Cunha

Os mutirões de trabalho são uma metodologia fundamental para nós, de forma que a experimentação inicialmente é sempre coletiva, em troca de dias. Sabemos que a mão de obra é uma grande questão para a agricultura, é uma pedra no sapato e que a juventude é sempre muito estimulada a sair da roça. As agricultoras e os agricultores têm muito disto: fazer para crer. Por isso, este caminho de fazer junto e, a partir dos resultados, ir multiplicando, irradiando e disseminando para novas famílias.

Luana
SerrAcima

Na Clarice e no Agostinho foram feitos mutirões de piquete. Na casa do Dão, foi onde vimos que a gente tinha que proteger mais a nossa nascente e conversei com eles de fazer aqui em casa também. Ajuntou um grupo e foi bacana: veio o pessoal de Lagoinha e de Cunha, se uniram e fizemos a proteção da nascente. Em todo mutirão que a gente vai se cria uma ideia diferente do que a gente já sabe e você vê que fazer na sua casa não é difícil.

Maria Rosário Santos Gouvea,
Agricultora familiar
Bairro Tijuco Preto/Lagoinha



MUTIRÕES

Nos últimos dois anos foram realizados 35 mutirões em 35 unidades produtivas familiares, com a participação de aproximadamente 10 famílias em cada mutirão.

Práticas:

- Piqueteamento
- Instalações hidráulicas para dessedentação animal
- Diversificação de pastagens
- Manejo ecológico do solo
- Poda e Controle ecológico de pragas e doenças
- Implantação de campos de multiplicação de sementes crioulas
- Sistemas agroflorestais
- Biofossas
- Proteção de nascentes
- Plantio de mata ciliar
- Sistemas de reuso de água cinza



Trocando a gente vai interagindo, construindo, ampliando saberes

Os intercâmbios são ferramentas metodológicas estratégicas no trabalho da SerrAcima, importantes para estimular os processos de experimentação local. Ao retornarem às suas comunidades, as famílias trazem na bagagem novos conhecimentos, ideias, sementes, mudas e tecnologias que foram trocadas e poderão ser testadas e adaptadas às suas realidades locais.



"Como a sua couve está bonita!".
"Ah, eu plantei assim e na lua tal..." Numa visita de intercâmbio já passam uma ideia para mim, a gente volta para casa e lá já melhora. É troca de ideia, troca de amizade, troca até de almoço e de receita... é muito importante.

Marilza
Cunha

No encontro em Paraty eu conheci um grupo bacana que trabalha com plantação de palmeira juçara, um pessoal de Ubatuba que trabalha com a parte de hortaliça e outros que querem focar mais em ervas medicinais. Foi uma distribuição de conhecimento. E assim, meu projeto na minha cabeça foi crescendo também. Vai juntando as peças.

Dona Maria
Lagoinha

Outra metodologia bem importante são os intercâmbios: beber da fonte de outras famílias para estimular que novos processos se iniciem e para que a gente comece a trazer essas experiências para incidir na gestão pública de fato, para que as trajetórias dessas experiências sejam levadas em conta.

Luana
SerrAcima



Eu tenho uma alegria imensa de estar com a família dos vizinhos, dos amigos, dos colegas que vêm aqui.

Adir Pereira, "Bi"
Integrante GAFAC e conselho fiscal SerrAcima, Bairro do Pinhal/Cunha



*V Feira de Trocas de Sementes Crioulas e Mudas de Cunha e Região

INTERCÂMBIOS

Nos últimos dois anos, foram realizadas sete visitas de intercâmbio, com a participação média de 23 pessoas cada:

- 1- Produção agroecológica – Na propriedade de Adir e Rosineia, Bairro do Pinhal/Cunha
- 2- Pastoreio Racional Voisin - Nas propriedades de Orlando, Rosalina e Gentil Gomes - Joanópolis-SP
- 3- Manejo Reprodutivo Animal - Na propriedade de Marilza e Benedito, Boa Vista/Cunha
- 4- Sistemas Agroflorestais - Na propriedade de Seu Zé Ferreira, Sertão do Taquari/Paraty-RJ
- 5- Manejo, ordenha e adequação ao sistema de inspeção municipal - Na propriedade de Lenice e Otair (Tô), Vargem Grande/Cunha
- 6- Criação agroecológica de galinhas caipiras - Fazendinha Embrapa, Seropédica-RJ
- 7- Administração, instalações e genética na pecuária de leite - Na propriedade de Munir e Vagner, Guaratinguetá-SP.

Diálogo e construção do conhecimento

Nós entramos num conjunto combinado

Ao longo da trajetória de parceria com agricultoras e agricultores familiares da região, foram se refinando metodologias para garantir diagnósticos comunitários de identidades camponesas e seus territórios socioambientais. Esse enfoque facilitou a emergência de conjuntos de saberes e práticas desenvolvidas e dominadas pelas comunidades e famílias, no diálogo direto com a definição de suas demandas. O extrativismo de recursos da mata atlântica regional, tendo como carro-chefe o pinhão da araucária; o diálogo com conhecimentos e práticas tradicionais no uso e manejo de espécies e variedades nativas; a criação de galinhas caipiras; o resgate, multiplicação e trocas de sementes crioulas; os mutirões de trabalho; a partilha de conhecimentos sobre o uso de plantas medicinais e alimentares; a utilização de práticas de manejo associadas à recuperação e conservação dos recursos naturais como biodiversidade, água e solo; o preparo de doces e compotas caseiras e a diversificação da produção são alguns dos exemplos que podem ser citados.



*Ciranda - IV Feira de Trocas de Sementes Crioulas e Mudas de Cunha e Região

Os técnicos da SerrAcima têm bem o estudo. Mas na prática aqui de todo dia nós é que estamos e temos que explicar algumas coisas. Então, nós entramos num conjunto combinado.

Adir, “Bi”
Cunha

Os técnicos da SerrAcima disseram que aprenderam conosco também. Como fomos criados na terra, na roça, a gente já sabia muita coisa que eles estavam ensinando, aí aperfeiçoou e foi ótimo.

Marilza
Cunha



O que eu aprendi muito aqui na SerrAcima é respeitar o ponto de vista de cada um. Não é porque eu trabalho com aquilo todo dia que o meu ponto de vista é o correto, mas sim usar o ponto de vista diferente do seu para melhorar e mudar o seu próprio. E também ganhei maior capacidade de paciência para fazer a leitura de uma realidade, entender o lugar e a cultura do lugar.

Ismael Soares Filho
Engenheiro agrônomo / Assessor técnico SerrAcima

O trabalho da SerrAcima encaixou naquilo que a gente já queria fazer, deu mais força, mais conhecimento, mais entusiasmo. Traz sempre coisa nova e a gente fica mais interessado. Eles vão aliviando a nossa dificuldade. Na verdade, eles têm estudo, e a prática estão pegando com a gente, que é do mato, que é do campo.

Dona Maria
Lagoinha



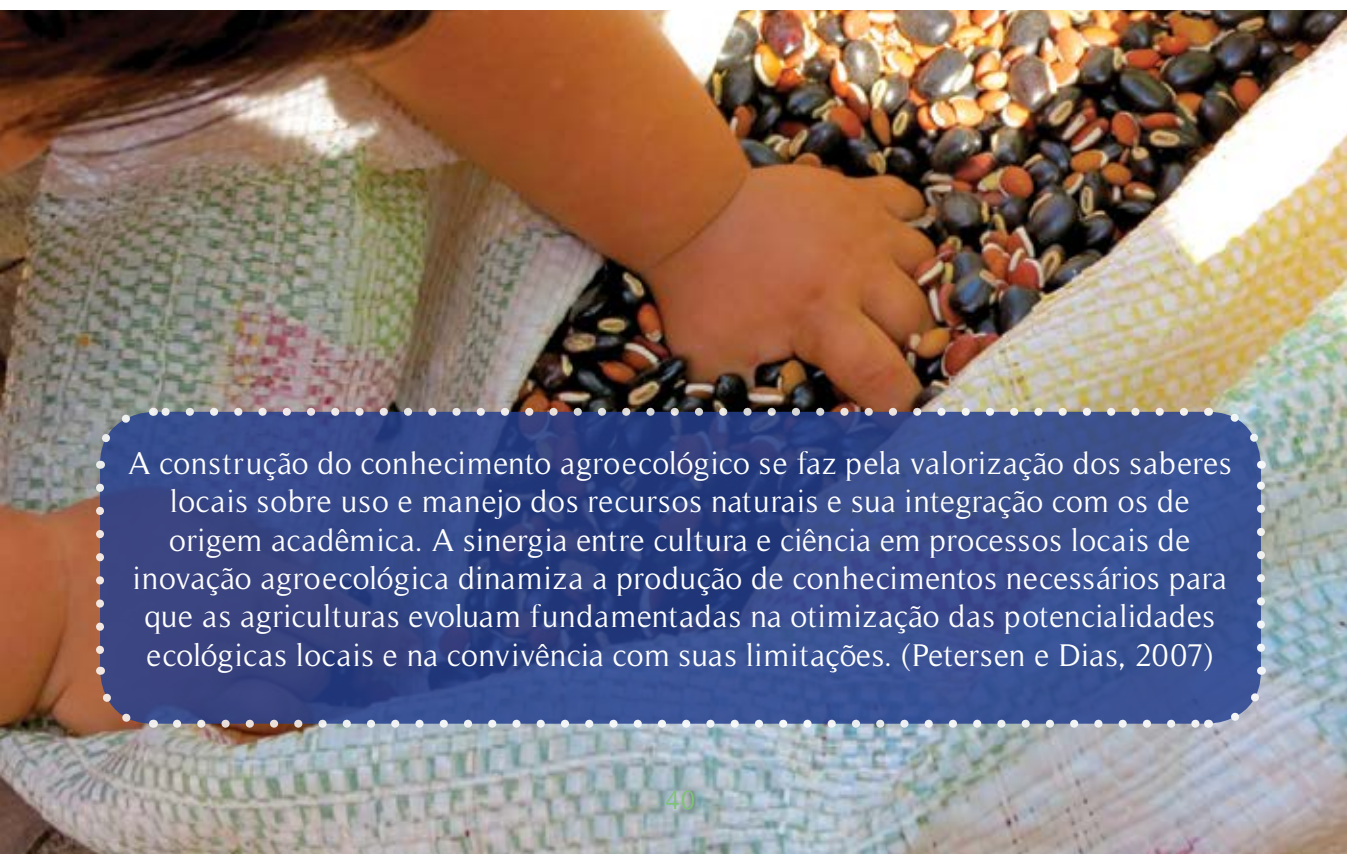
Uma das diferenças é que a gente procura trocar. Eu trago meus conhecimentos que são mais técnicos e eles têm os conhecimentos de quando produzir, de como produzir, de qual é a melhor abóbora para o melhor doce. Eu entro com uma parte mais de planejamento, de conservação, de higienização. A gente não distingue o conhecimento empírico do conhecimento técnico, busca juntar os dois no nosso trabalho.

Augusto Santiago, “Caju”
Engenheiro agrônomo / Consultor SerrAcima
Relatório sobre o Plano de Negócios

Oficinas e cursos

As oficinas realizadas com as famílias em diferentes temas são um momento de aprofundamento de questões levantadas nos mutirões de implantação e incremento dos sistemas produtivos, nas visitas de acompanhamento e intercâmbios, encontros de troca de experiência e outros momentos de interação do projeto e espaços de articulação. São processos de troca e de disseminação, nos quais são valorizadas as experiências e extraídos os conteúdos determinados pelas famílias agricultoras. As oficinas podem ser comunitárias e com temas específicos, ou envolver várias comunidades e temáticas.

Os cursos teórico-práticos de “Agroecologia e Comercialização” são uma das formas utilizadas pela SerrAcima para agregar novas famílias. Têm como tripé metodológico as atividades de ensino, a pesquisa participante e a ação em campo, em associação com a metodologia de alternância, que pressupõe diferentes estratégias de ensino-aprendizagem. Neste terceiro ciclo de projeto com patrocínio da Petrobras foram realizados três desses cursos, um em um bairro de Cunha e os outros dois em municípios vizinhos. Os cursos são compostos por diversos momentos e atividades, envolvendo as famílias por um longo período de formação, durante o qual é incentivada a experimentação e os participantes iniciam a transição agroecológica em suas propriedades. Também são realizados cursos específicos, de acordo com a necessidade. Neste período do projeto foram realizados cursos específicos de pecuária e criação de galinha caipira.



A construção do conhecimento agroecológico se faz pela valorização dos saberes locais sobre uso e manejo dos recursos naturais e sua integração com os de origem acadêmica. A sinergia entre cultura e ciência em processos locais de inovação agroecológica dinamiza a produção de conhecimentos necessários para que as agriculturas evoluam fundamentadas na otimização das potencialidades ecológicas locais e na convivência com suas limitações. (Petersen e Dias, 2007)

OFICINAS DE APROFUNDAMENTO TEMÁTICO

20 pessoas em média em cada

- 2 oficinas de Uso e Manejo de Água
- 2 oficinas de Criação de Galinha Caipira
- 3 oficinas de Homeopatia Animal
- 2 oficinas de Plantas Medicinais
- 2 oficinas de Arranjos Agroflorestais
- 1 oficina de Sementes Crioulas

Cursos:

3 cursos de Agroecologia com carga horaria total de 620 horas, distribuídos ao longo de dois anos e compostos por várias atividades:

Turma de Cunha – 210 horas, 17 famílias

Turma de Lagoinha – 210 horas, 17 famílias

Turma de Silveiras – 200 horas, 22 famílias

1 curso de pecuária com 80 horas

1 curso de criação de galinha caipira com 30 horas



Acho excelente o trabalho. Já ajudou muita gente a se informar. Eu trabalhava no campo, mas não tinha conhecimento técnico tão grande sobre o aproveitamento dos recursos que a própria propriedade oferece.

José Antônio de Almeida, “Seu Zé”
Agricultor Familiar
Bairro Asa Branca/Silveiras

Visitas de acompanhamento

As visitas de acompanhamento aos sistemas produtivos familiares têm o objetivo de acompanhar, manejar, monitorar, ajustar e permitir a continuidade do planejamento participativo das experiências implantadas, tanto do ponto de vista do manejo como da organização, envolvendo a família como um todo. Sempre que possível, participam vizinhos, famílias de outras comunidades e equipe técnica, aproveitando para aprofundar e enriquecer a cada visita as experiências nas propriedades. Há ainda as visitas feitas pela OCS - Organização de Controle Social, que faz um monitoramento contínuo das propriedades, promovendo, nesses momentos, trocas de experiências e aprendizados coletivos.



Nós estivemos em todos os encontros. Aprendi cada remédio bacana para os animais! Como a pomada anti-inflamatória e cicatrizante, que uso até hoje: babosa, alho de cozinha e banha de porco. Eu focava mais nas pessoas, mas depois que eu fiz o curso com a SerrAcima, vi mais a parte dos animais. Coisa simples que tem dentro de casa, muito medicamento que se pode usar. Por exemplo, o repelente em volta do mangueiro, que os mosquitos no calor entram muito: cravinho amarelo, cravinho de defunto, citronela. Eu tenho também um projeto para as ervas medicinais. Isso está vindo também com a SerrAcima, estamos aprendendo bastante manejo de plantio. Fomos a Ubatuba e estive na dona Anita em um curso sobre as ervas medicinais. Já tenho algum conhecimento com ervas que minha avó, que era do povo Tupi, e minha mãe me passaram e eu queria passar para os meus netos e filhos.. Tem coisa que eu penso sobre as plantas medicinais: se naquele tempo dava certo, por que agora não dá? Para tudo a minha avó usava erva. Na minha casa era assim, a gente já tem na essência da vida. Eu tenho essa curiosidade de plantar e passar para a frente porque o pessoal desacredita disso, principalmente o pessoal de cidade grande.

Dona Maria
Lagoinha



VISITAS DE ACOMPANHAMENTO

Nos últimos dois anos foram realizadas 94 visitas às unidades produtivas familiares, visitando as famílias e os agroecossistemas como um todo e em específico nos seguintes temas:

- Certificação participativa: monitoramento contínuo das propriedades
- Organização e planejamento da produção
- Pastoreio Rotacionado Voisin e diversificação de pastagens.
- Bem-estar e saúde animal (homeopatia e plantas medicinais) e manejo agroecológico da produção
- Adubação verde de inverno e verão

Grupos e organização social

É importante fortalecer um grupo para trabalhar

Quando eu cheguei em 2011 já existia um planejamento prévio de uma vez por mês ter um encontro com as famílias, o que a gente chama de reunião de monitoramento, para planejar sobre essas demandas de alimentação escolar, feira, mutirões... Assim a gente se organiza e encaminha as coisas. E o argumento nosso era: da mesma forma que você tem sua lida na roça no dia a dia, a sua vinda para as reuniões é como um dia de trabalho. E aos pouquinhos isso se concretizou ainda mais. Duas coisas extremamente significativas nos últimos dois anos: uma é a percepção das famílias de que “a gente tem que se organizar”. Agora, depois de uns seis anos juntos, isso está evidenciado nos trabalhos de beneficiamento, nos piqueteamentos... E vem amarrado à percepção de que “sozinho a gente não consegue fazer” e que as coisas em grupo andam de forma mais fácil.

Ismael
SerrAcima

A organização em grupos ou coletivos é fundamental para o avanço das iniciativas agroecológicas e de incidência sobre políticas públicas. A SerrAcima estimula a organização coletiva nas atividades e nos grupos formais e informais, dos quais o mais estabelecido é o Grupo dos Agricultores Familiares Agroecológicos de Cunha (GAFAC), que conta com aproximadamente 30 pessoas. Dentro do GAFAC existem algumas iniciativas que envolvem apenas parte do grupo, como a Organização de Controle Social. Há ainda os grupos que se formam por temáticas, como o das famílias envolvidas com a pecuária, e aqueles que se formaram nos últimos dois anos ao longo dos cursos de formação agroecológica.

É importante fortalecer um grupo para trabalhar, fica mais fácil para conseguir as coisas. É muito importante ter mais de uma família produzindo nesse sistema agroecológico e mais de uma família do mesmo bairro. Assim, você não vai estar mudando só uma propriedade, vai estar mudando o bairro. Vai melhorar a água do rio, a nascente, o ar. Se só um fizer, vai ter significância só na propriedade dele.

José Augusto, “Gu”
Cunha

Nós somos certificados através da OCS – Organização de Controle Social. Ela é restrita para agricultores familiares, mas pode ser composta por alguns fregueses que também fazem a fiscalização. Somos um grupo informal no qual os agricultores fazem o monitoramento da produção através de reuniões de conformidade: eles vêm na nossa propriedade, a gente visita a propriedade deles e é feita uma vistoria verificando se está tudo dentro do plano de manejo. A OCS foi uma necessidade do grupo e ao mesmo tempo uma obrigação, pois saiu uma lei dizendo que todos que afirmam que só usam produto natural ou ecológico teriam que estar dentro da conformidade e certificar. Alguns fregueses no começo também questionavam: “É orgânico mesmo? Olha, eu acho que tem veneno nisso...”. Para provar que era orgânico, a gente optou pela certificação pela OSC, que era uma opção um pouco mais simples. E todo o grupo está sujeito à fiscalização de um funcionário do Ministério da Agricultura. O bom da OSC é que o grupo vem na propriedade não apenas fiscalizar, mas também trocar dicas do que pode ser feito. E às vezes fazemos mutirão para construir uma biofossa, uma proteção de nascente... Tudo isso faz parte da OSC.

José Augusto, “Gu”
Cunha

A OCS - Organização de Controle Social, prevista na Lei dos Orgânicos - nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003, pode ser formada por grupo formal ou informal de no mínimo três famílias, desde que exista uma relação de organização, comprometimento e confiança e esteja assegurado o direito de visita pelos consumidores e gestores públicos. Cada participante cadastrado na OCS firma um Termo de Responsabilidade Solidária, comprometendo-se em cumprir os regulamentos técnicos da produção e responsabilizando-se solidariamente nos casos de não cumprimento por algum dos membros. Para cada produtor vinculado à OCS, o Ministério da Agricultura emite uma Declaração de Cadastro, que deve estar disponível na hora da venda do produto. A manutenção do cadastro do produtor e do certificado de conformidade orgânica da OCS exige que os participantes do grupo façam entre si pelo menos uma visita por ano a cada propriedade, bem como o preenchimento e envio de questionários sobre cada propriedade agrícola. Nas visitas para o monitoramento da OCS, os agricultores expõem suas práticas e plantios à observação e discussão pelo grupo e preenchem os questionários oficiais exigidos pelo gestor público.

Além de criar um vínculo por estar comercializando esses produtos, temos um laço muito grande de amizade. Somos um grupo grande, como se fosse uma família e todo mundo trabalha unido, em parceria. Trabalhamos num mundo diferente do que o pessoal convencional, que é tentando um matar o outro para sobreviver. Com a gente é o contrário: dá as mãos para melhor andar junto.

José Lourival, “Val”
Cunha

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

- O GAFAC (Grupo de Agricultores Familiares Agroecológicos de Cunha), criado em 2009, se consolidou e fortaleceu, aperfeiçoando a participação, as práticas agroecológicas, a organização, o empoderamento sobre o trabalho, a comercialização e a certificação participativa da produção agroecológica.
- Atualmente, cerca de 30 pessoas e 15 famílias estão associadas ao GAFAC.
- Dobrou o número de famílias cadastradas na OCS junto ao MAPA - de 6 para 12.
- Aumentou em 50% o número de famílias comercializando na Feira Agroecológica de Cunha.
- Três novos grupos de agricultores se formaram nos últimos dois anos.
- A Associação de Moradores do Sítio (AMPRASP) e SerrAcima retomaram ações em parceria com atuação expressiva na conservação e gestão hídrica
- 25 agricultores obtiveram a DAP* entre 2014 e 2015 junto ao MDA e já possuem nota fiscal do produtor.
- 16 famílias comercializam produtos 100% agroecológicos ao mercado institucional via Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), garantindo a 65 escolas no município 33% dos alimentos consumidos pelos mais de quatro mil alunos da rede pública de ensino de Cunha.

*A DAP - Declaração de Aptidão ao Pronaf é documento fundamental para o acesso a políticas públicas como PNAE, créditos, aposentadoria, entre outros, por agricultores e agricultoras familiares, sendo documento comprobatório obrigatório para identificação como “Agricultor(a) Familiar”

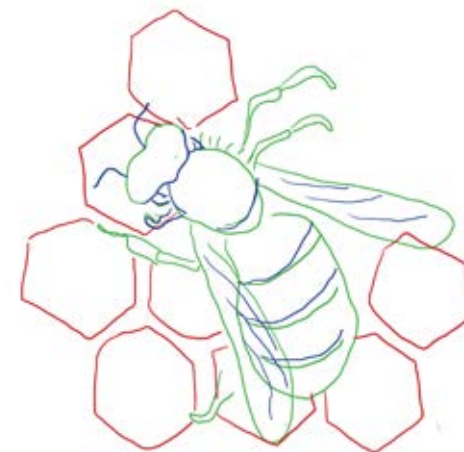
Os frutos da disseminação

Demora um pouquinho, mas o pessoal vem atrás

DISSEMINAÇÃO: Esforço de ampliar o acesso à experimentação de práticas agroecológicas e de organização social para um número crescente de famílias agricultoras, em território também ampliado, partindo do diálogo com as experiências locais já em andamento, que servem de inspiração.

Isabel chamou para a reunião da SerrAcima. Eu fui, gostei e pensei: “vai me abrir o caminho”. A gente não deixa de ir, faço o possível para participar de tudo. Na verdade, a SerrAcima abriu nossa mente, porque temos uma vivência mas não era tão focado.

Dona Maria
Lagoinha



Conversamos muito com o pessoal da SerrAcima e já tenho um ganho bastante grande de conhecimento. Depois que começamos a mexer com abelha, tem muita árvore nova que plantamos pensando nelas. Agora temos ideia de fazer também a nossa agrofloresta.

Jandir de Paula Gouvea
Agricultor familiar
Bairro Tijuco Preto/Lagoinha

Demora um pouquinho, mas o pessoal vem atrás. É importante as famílias se unirem, porque sozinho ninguém consegue.

Ailton, “Zac”

Cunha

É bom a participação dos novos no grupo com a gente, pelo menos vão a cada dia descobrindo, conhecendo o regimento da feira e o nosso estatuto. É bom também para eles conhecer e acompanhar, para dar certo para todos. Não é que somos duros, rígidos. É nossa maneira de trabalhar e está dando certo. Não é à toa que estamos aí há seis anos já.

Maria Dailsa

Cunha

Quando a SerrAcima veio com uma linha mais ecológica, sem adubação química, preconizando a adubação orgânica, eu falei: vamos aprender também. Mas é lógico que não é todo mundo que se identifica, começou com essa turma e fomos acompanhando o trabalho ao longo desses últimos dois anos. A intenção é capacitar a pessoa, sabendo o que ela realmente quer e ajudá-la a gerar renda, que isso é importante, principalmente num município onde em torno de 80 por cento da renda vem da atividade agropecuária. E hoje eu posso ver que a linha agroecológica realmente dá resultado. Temos que estar sempre abertos para aprender juntos, valorizar o que uma outra instituição está trazendo, colocando em prática no seu dia-a-dia para beneficiar a você mesmo e ao outro. Assim eu vejo essa parceria com a SerrAcima.

Isabel Cristina Nascimento da Motta

Secretaria Municipal de Agricultura, Pecuária e Meio Ambiente de Lagoinha

Eu quero entrar no grupo porque a gente já é maduro nisso, tenho um trabalho velho e não estou começando hoje. Foi feita a formatura na turma 2 e já tenho muita experiência, entendo que o que é um grupo. Eu não estou à toa, as pessoas estão indo na minha casa direto para comprar meus produtos. Não estou no grupo porque ainda não estou pronto para entrar, preciso pegar o exemplo ainda, quero vir mais na feira de vocês, observar, entender e poder decidir se vou entrar.

Adir, “Bi”

Cunha



Três novos grupos de agricultores familiares se formaram através dos Cursos de Agroecologia e Comercialização:

Município de Lagoinha – 17 novas famílias

Município de Silveiras – 22 novas famílias

Bairro de Santa Bárbara/Cunha – 17 novas famílias

PRÁTICAS QUE MUDAM A VIDA

Uma coisa que aprendemos na agroecologia é copiar a natureza

As práticas agroecológicas estão inspiradas no funcionamento sistêmico da natureza (ciclagem de nutrientes, sucessão natural, produção de biomassa, controle natural de pragas etc.), entendendo que as unidades produtivas familiares funcionam como um sistema vivo, um agroecossistema integrado, com o máximo de aproveitamento dos recursos naturais disponíveis nas propriedades das famílias e eliminação gradativa de recursos externos ao sistema, como adubos químicos sintéticos, agrotóxicos e sementes geneticamente modificadas.



Para mandar a papelada da OCS para o MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) e ter a garantia, vimos a questão da água, do saneamento básico, do gado leiteiro... Está tudo ligado. Se a gente usa o insumo da roça, não compra o pacote lá de fora; na agroecologia se usa o recurso que tem na propriedade mesmo. Por exemplo, para fazer um minhocário, tenho que trabalhar a questão do animal para ter um esterco limpo para colocar para as minhocas. Como posso vender um produto saudável na feira se não consigo limpar a água cinza que corre da pia, do banho, se não consigo fazer uma biofossa para tratar os dejetos do vaso sanitário? Isto também é agroecologia: estar trabalhando um conjunto de coisas.

Lucimeire
Cunha



Quando começamos a participar com a SerrAcima pensamos em fortalecer mais a ideia do nosso trabalho. Queremos fazer um negócio aqui no sítio que conscientize o pessoal para trabalhar com um manejo bastante natural, respeitando a terra, sem o agrotóxico, só usando a matéria orgânica. Tudo que nós geramos aqui dentro de casa se transforma. Outra coisa muito boa que a gente aprendeu na SerrAcima foi a compostagem. Eu fiz duas e é impressionante como a terra fica boa para plantar. A biofossa é o próximo trabalho que estou querendo fazer na minha propriedade. Assim, a gente vai fechando todo o sistema. Tudo o que eu puder fazer em função de não agredir a natureza, a minha vontade é essa.

Jandir
Lagoinha



Quando você conhece a agroecologia e toma consciência, não tem mais aquela dependência dos produtos e insumos de fora. As famílias têm todos os recursos na propriedade deles: você junta a força das pessoas com a natureza, cria e produz vida. O forte da agroecologia é que ela liga a natureza com a saúde de quem produz, com a saúde de quem compra e com a autonomia das pessoas. Eu sinto que a gente conscientizou muitas pessoas e famílias que agora têm uma visão da propriedade como um todo, que é a proposta da agroecologia. Tem melhoria ambiental nas propriedades e aumento da renda, não só por vender para fora, mas por ter a produção para a própria família. Isso já melhorou muito para todas as famílias com as quais a gente trabalha.

Alketa
Serracima



Temos procurado consolidar experiências e tecnologias sociais revisitando várias práticas que as famílias têm, mas que estavam perdendo. De forma muito experimental, de acordo com o interesse da família e entendendo a propriedade como um sistema vivo, um sistema produtivo com vários componentes e atividades que se integram, garantindo a sustentabilidade nos ciclos que se formam. Experiências que promovam a recuperação e a conservação dos recursos naturais, seja da Mata Atlântica – onde a gente está – seja da água, que é um dos problemas em pauta hoje em todo o país e que tem nos aproximado bastante das famílias e da sociedade como um todo. Temos desenvolvido a questão da pecuária agroecológica e da integração da produção vegetal e animal nesta região onde a pecuária é muito significativa, mas causou grande degradação do solo e das paisagens. Trabalhamos com a comercialização dos produtos, o protagonismo, a organização social e o empoderamento das famílias. Nesse processo da experimentação vamos criando algumas referências concretas e novas famílias vão se envolvendo, se mobilizando a partir da prática.

Luana
Serracima

Hoje em dia o pessoal não quer pensar, quer buscar feito, como um pacote, mas a gente não quer isso. Temos que inovar, respeitando a natureza. Uma coisa que aprendemos muito, na agroecologia, é copiar a natureza, como a natureza nunca é feita de uma coisa só. Se entrar no meio do mato, vai ver muita diversidade em um pequeno espaço. Eu gosto de testar, sou curioso. Consegui virar o que era meu inimigo em matéria orgânica riquíssima para fazer plantação, fiz uma terra rica. Tem várias plantas que são inimigas de quem trabalha no convencional porque eles não sabem trabalhar com elas. Eu não tenho nenhuma planta que seja minha inimiga. Eu arrumo meu jeitinho e ela acaba ficando minha parceira.

José Lourival, "Val"
Cunha

Experimentação: processo de construção do conhecimento a partir de práticas diversas em experiências locais produtivas, organizativas e de comercialização, protagonizadas pelas famílias ou coletivos, que permitem visualizar concretamente resultados da transição agroecológica e ampliá-la.

Transições

Transição agroecológica e segurança alimentar: saúde do solo, das plantas, da família

Eu trabalhei no convencional desde os meus 14 anos. Fazia feira em Guaratinguetá e vendia os mesmos produtos, com manejo diferente. Depois que vi esse caminho - foi através de meus irmãos que fizeram o curso, começaram a vender verdura certa e eu me inspirei neles - parei lá e comecei aqui. Graças a Deus estou tendo um retorno bom e acho que dá certo. Principalmente usava os venenos, que deixei de usar e aprendi a aproveitar só o que a natureza oferece, os recursos da propriedade. Uso o esterco da vaca, aproveito resto de verdura, trituro e faço composto. Aprendi a aproveitar o que ia jogar fora, a usar o que perdia antes. E também um reaproveitamento de espaço muito grande com a associação das plantas, plantando duas, três plantas junto. Parei com o convencional, já estava me sentindo meio mal com o veneno, sentia muita tontura, irritação na pele, porque colocava as bombas de pulverizar nas costas e derramava o veneno na roupa. Hoje eu vejo quanto fiz errado, mas antes tarde que nunca, deu tempo de sair disso. No convencional eu não cheguei a trabalhar com meu filho e nem com minha esposa. Meu filho já nasceu nessa transição, não teve influência de convencional nele não.

Osmair Pereira
GAFAC, Bairro Vargem Grande/Cunha

A transição agroecológica é um processo que envolve um conjunto de mudanças gradativas no manejo dos agroecossistemas, que gera sua sustentabilidade e enriquecimento através da redução gradual até a eliminação da dependência de insumos químicos sintéticos como agrotóxicos e fertilizantes, de monoculturas, do uso de sementes e plantas geneticamente modificadas (transgênicos), entre outras práticas da agricultura convencional que degradam o solo e os recursos naturais. Para construir essa proposta, é preciso que as famílias conheçam e entendam as diversas possibilidades e possam escolher o que é melhor para elas e para o meio onde vivem e trabalham.

Aqui eu trabalho com muita diversidade e sempre com muito produto consorciado. Faço isto por vários motivos: um, que eu aproveito o espaço; outro, que não tem perigo de atrair doença para a minha horta; e outro, que sempre eu trabalho com produtos de ciclos diferentes. Toda planta tem uma serventia, não é por acaso que ela está ali. Tem gente que olha e pensa que é mato. É um mato sim, mas foi um mato que eu criei intencionalmente.

José Lourival, "Val"

Cunha

Antes de começar a plantar no agroecológico, a gente levava para Taubaté. Tinha dia que dava dinheiro, tinha dia que voltava a carga - pagava para levar, pagava para trazer de volta, para jogar fora. Eu já plantava sem agrotóxico e sem adubo.

Dei sorte que comecei a fazer o curso, a coisa virou para o lado nosso e ficou bom, a minha terra já estava adaptada. O pessoal admirava e duvidava: "como você colhe vagem sem adubo, sem nada, isso é mentira". Eu quero é economizar do meu bolso. Pego mamona, adubação verde, o capim mesmo que a gente tem, resto de cana e faço um adubo sim. Jogo às vezes só um pouquinho de pó de osso, misturo para plantar batata, milho, feijão... Qual adubo é melhor que esse? Não existe! Você joga um adubo lá da rua, com três meses acabou a validade da terra. Você joga um mais forte, aguenta mais 90 dias, quando vê, puxou a força da terra todinha. Não vale a pena. Agroecologia é muito bom, cada dia se aprende uma coisa diferente, faz experiência. Agroecologia não é só plantar, trabalhar, vender. É uma conclusão de toda família, de estar junto trabalhando, é gostoso.

Hailton

Cunha

Nós saímos de um mal que estávamos e entramos num caminho bom. De quatro metros, hoje estou com quase um alqueire de horta e querendo fazer mais. Até irmão da gente, vizinhos e outros colegas quando começamos, falaram: "vocês são um bando de burros". Mas aí vieram comer a produção boa daqui, sadia, tudo plantado só no esterco, nada de veneno, nada de adubação química e todo mundo já está querendo chegar com a gente.

Adir, "Bi"

Cunha

Eu achava que o orgânico não produzia bem. A SerrAcima conseguiu passar para mim que é possível plantar, eu plantei e produziu talvez melhor ainda do que o convencional

Ailton, "Zac"

Cunha

Devido ao uso excessivo de produto químico, a terra nossa já estava bem fraca, sem vida. Quase não achava minhoca, lesminha quase não tinha. Hoje em dia, todo lugar que mexer na terra já acha minhoca, o que é um sinal muito bom, de que tem bastante matéria orgânica no solo.

Augusto Amâncio, "Gu"

Cunha



A alta contaminação de alimentos por agrotóxicos (pelo quinto ano consecutivo o Brasil foi campeão mundial no uso de agrotóxicos, tendo consumido 7,2 kg per capta em 2014) e a redução na diversidade de alimentos ofertados são problemas extremamente graves, ambos impactando diretamente na soberania e segurança alimentar da população. Somam-se ainda os altos níveis de contaminação sofridos pelos agricultores e agricultoras familiares e trabalhadores e trabalhadoras rurais no manejo com agrotóxicos.

Para mim mudou muito, porque eu mexia com a produção convencional. A gente quase não comia e não deixava as crianças comer a produção nossa mesmo. Na época de banhar a planta com veneno, não deixava os filhos entrar no meio do plantio. Eu tinha contato direto com o veneno e inchava a boca, inchava tudinho, até já estava parando de mexer com horta, porque estava ficando doente. Acho que se tivesse continuado daquele jeito eu já não estava mais aqui.

Jairo dos Santos
GAFAC e conselho fiscal da SerrAcima
Bairro do Sítio/Cunha



O brasileiro hoje consome sete litros de veneno cada um, em média, por ano. E é esta agricultura que recebe mais subsídio, mais apoio. Mas o Brasil tem um movimento muito forte de agroecologia e o que a gente faz é mostrar que esse não é o caminho. Se o homem foi à lua, não é possível que a gente não consiga produzir um alimento saudável.

Augusto, "Caju"
Agrônomo consultor

A ideia não é romper de uma hora para a outra com o que se fazia: nós, os próprios técnicos, tivemos um papel importante ao promover uma agricultura altamente especializada com monoculturas, com bastante dependência de insumos e de um pacote tecnológico. Mas a nossa proposta é gradativamente ir se livrando, abandonando isso e economizando saúde, dinheiro, vida.

Luana
SerrAcima

Até 2013, vinte e sete famílias estavam protagonizando processos de transição agroecológica como estratégia de sustentabilidade econômica e ambiental, por meio de um processo participativo de construção do conhecimento e organização comunitária. Dois anos depois, pode-se contabilizar um salto de quase 300% neste número, consideradas as famílias hoje envolvidas em diferentes processos e estágios de transição agroecológica.



130 unidades produtivas familiares com cerca de 20 práticas agroecológicas incorporadas, como:

- uso de adubação orgânica: biofertilizantes, compostagem, minhocário, uso de 10 variedades de adubos verdes de verão e 5 variedades de adubos verdes de inverno
- plantio direto sobre palhada
- uso de inseticidas e fungicidas naturais
- controle biológico de cupim, formigueiros e carrapatos
- piqueteamento e diversificação de pastagens
- sistemas agroflorestais (SAF's)
- viveiros caseiros
- podas
- proteção e reflorestamento de nascentes e matas ciliares
- biofossas
- resgate, multiplicação e troca de sementes crioulas
- preparo e uso de homeopatia e plantas medicinais nos cuidados com a pecuária

Antigamente, eu não pensava muito em plantar. Ficava mais com o pasto: “que plantar horta que nada”. Mas com a agroecologia o solo fica mais vivo, fica mais úmido, fica bem melhor de se mexer e a terra fica mais pura.

Otávio de Carvalho Oliveira, "Peixe"
GAFAC, Bairro Vargem Grande/
Cunha

O que a gente planta, não deixa faltar na mesa. Muito suco. Refrigerante para nós agora acabou. Se estamos aprendendo uma coisa orgânica, tem que ensinar e viver.

Marilza
Cunha



O calendário lunar eu, pelo menos, não seguia muito. Achava que plantava numa lua e dava certo, mas não é bem assim. As vezes que a gente plantava sem olhar a lua, o que acontecia? Quando partia a abóbora, por dentro ela já estava podre. Não sei se era o adubo ou se era a lua, sei que alguma coisa estava errada. E agora a gente planta só na compostagem, no esterco, e pode observar a qualidade do produto, sente uma diferença grande. Nossos vizinhos disseram: “Nossa, mas como a alface da sua horta é gostosa, é diferente!”. Todos os vizinhos estão querendo comer só da horta orgânica.

Marilza
Cunha

Sementes Crioulas

Guardando sementes, trocando ideias.

A gente vai pegando prática e andando nas feiras de troca de sementes. Aqui de Cunha fui para Curitiba, fui a Minas. Caçando semente, trocando ideia. Eu gosto de fazer experiência dia a dia. A mesma semente varia se muda de clima e você vê onde sai melhor. Vai trocando e adaptando no clima nosso, vai investindo, vai insistindo, que a semente adapta. E quando vê, está com a semente sua garantida e passa para os parceiros. É economia, você guarda e planta o ano inteiro. Senão, sempre que precisar plantar, tem que comprar. A terra já está bem protegida, adaptada, tudo no tempo certo, a terra no ponto, a semente no ponto. Aí tem tudo para dar certo.

Hailton
Cunha

Antes não existia dinheiro. Era trocado café por feijão, feijão por milho, tinha os pontos de troca dos nossos ancestrais. Então a feira de sementes é resgatada das coisas antigas.

Moizés
Cunha

Fruto do trabalho milenar de agricultoras e agricultores, povos e comunidades tradicionais, as sementes crioulas são patrimônio da humanidade. Fazem parte da identidade cultural e da garantia da soberania e segurança alimentar dos povos, que devem ter assegurado o direito de cultivar e produzir as próprias sementes. Ao longo do tempo foram selecionadas e adaptadas aos ambientes locais, sendo mais resistentes e menos dependentes de insumos, contribuindo para a diversidade alimentar e a biodiversidade dos agroecossistemas.



A semente crioula, você sempre colhe da sua própria produção. Se a semente eu tirei da abóbora que plantei, então é uma semente crioula, porque veio de semente de abóbora daqui mesmo. Mas se eu comprar um pacotinho de semente, ela não é crioula, já vem com aquela química. E essa aqui é pura. Eu mesma vou plantar e sempre vai ser orgânica, sempre sem agrotóxico. A gente seleciona a semente e por isto a semente crioula nasce melhor. Se pegar uma semente magrinha, ela não vai nascer, mas selecionamos e as demais nascem. Então a gente nunca perde uma sementinha.

Marilza
Cunha



Na época dos meus pais não tinha isso de comprar semente. Essa semente de milho é crioula, veio da feira de sementes, eu plantei, é o amarelão. Foi plantado no orgânico e esse ano eu vou plantar de novo. No tempo que meu pai e minha mãe criaram a gente, era tudo do paiol: plantava, colhia, no próximo ano plantava de novo. Então, está voltando. E o pessoal diz que não funciona! Como não funciona?! Tá aqui a prova!

Dona Olinda
Silveiras

Sobre as sementes, eu tinha perdido. Antigamente eu tinha bastante qualidade de semente e aí fui deixando e usando só o carioquinha. É o que todo mundo estava usando, só. Essas sementes antigas, o roxinho, feijão cara suja, pardinho, tantas qualidades... a gente não conseguia vender! Daí largamos delas e passamos a plantar o carioquinha, que vendia fácil. Através deste curso, estamos resgatando: já tenho semente do cara suja, do roxinho, umas quatro qualidades. A gente pega um punhadinho, planta, já forma um punhadão e daqui a pouco está com dez litros, que já dá para fazer uma rocinha. E o gosto da semente é outro, é uma semente mais forte. Este ano vamos plantar de novo, daí vai multiplicando. Da outra, a gente tinha que comprar todo ano e dava praga.

Donizete
Silveiras

Muito o que fez resgatar as sementes foi a demanda que houve. Por exemplo, todo mundo só comia feijão carioquinha, não se falava em outro tipo de feijão. Mas hoje tudo que se produz de feijão, seja a qualidade que for, que você nunca viu, ainda assim tem mercado. Chega feijão novo na feira, tem uma pessoa de idade que diz que conhece e o povo começa a comprar. E uma vez que um leva, todo mundo quer levar. A gente fez um levantamento e temos em torno de 30 espécies de feijão. Hoje, no agroecológico, como as minhas sementes e mudas são quase todas minhas mesmo, eu tenho autonomia.

José Lourival, "Val"
Cunha

SEMENTES CRIOULAS

- Consolidação de práticas de multiplicação e armazenamento de sementes crioulas por cerca de 25 famílias. Até agora, aproximadamente 38 variedades de sementes caipiras resgatadas e multiplicadas, sendo 11 nos últimos dois anos.
- Unidades demonstrativas de produção e melhoramento de sementes crioulas implantadas em unidades produtivas de doze famílias beneficiárias
- Realização de cinco Feiras de Troca de Sementes Crioulas e Mudas em Cunha e Região, entre 2010 e 2015

Feiras de trocas de Sementes Crioulas e Mudas de Cunha e região

A feira de semente é a contemplação de um trabalho da agroecologia

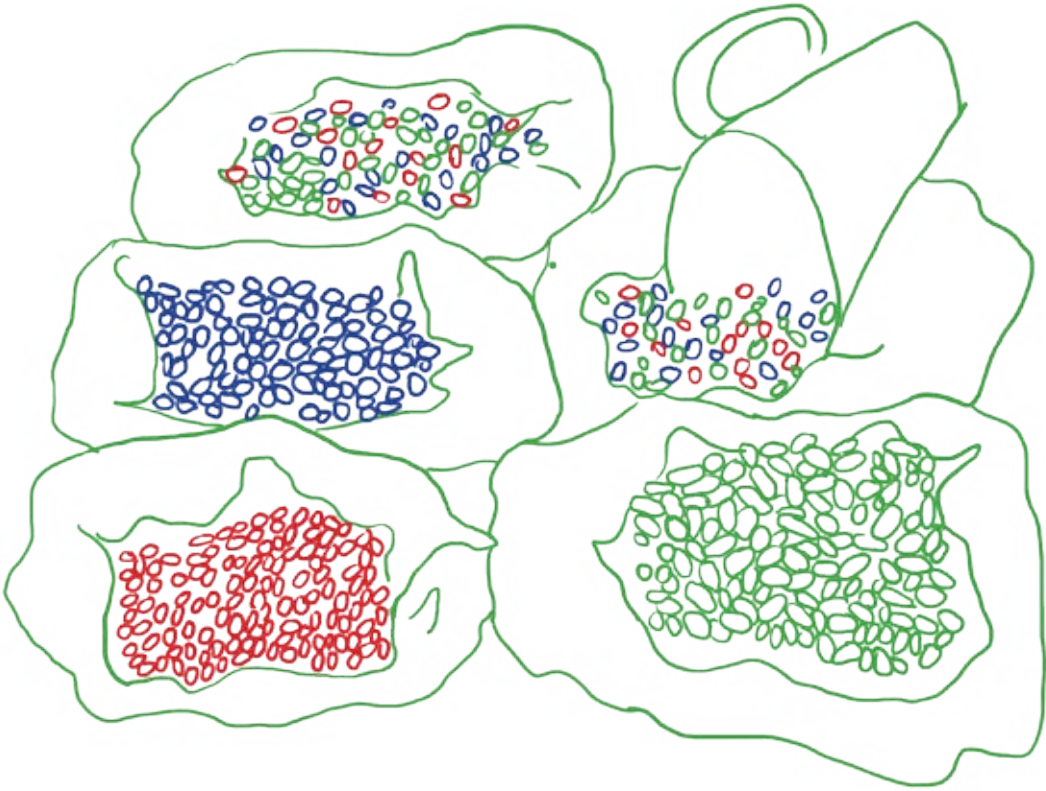
	Estimativa de quantidade de variedades em troca	Quantidade de instituições presentes	Estados presentes	Estimativa total de participantes (inscritos + pessoas circulando)
II Feira - 2011	202	12	SP, PR, MG	250
III Feira - 2012 (estadual)	370	16	SP,RJ, MG, PR, MT	400
IV Feira - 2014	301	26	PR, SP, RJ, MG	300
V Feira - 2015	213	16	SP, RJ	350

Já participei de todas as etapas de feira de sementes. Na primeira, a gente estava trabalhando com agroecologia, mas não tinha semente agroecológica em Cunha. O que fazer? Qual era o problema? Pelas normas, até 2016 precisamos ter a semente agroecológica. Foi um grito de socorro mesmo. Qual é a solução? Nos reunimos para ver o que tinha de semente perdida dentro do município e ficamos assustados ao ver que as sementes guardadas ninguém reconhecia mais. A primeira feira foi um resgate dentro do município com as sementes que achamos. Era pouca quantidade, mas em grande diversidade. Para a segunda feira, todo mundo pegou e plantou as sementes da primeira e no segundo ano já multiplicamos e trocamos de novo e aí sim, já começou a vir município vizinho, e no terceiro ano a gente fez a feira estadual de sementes em Cunha. Teve mais de 400 participantes, veio do Paraná, de Mato Grosso, o pessoal indígena, quilombola... E trocamos mais um pouco. Em 2014, fizemos a quarta feira, tivemos mais de 300 variedades de sementes trocadas. Tudo a partir da necessidade. E também foi um trabalho cultural, resgatando as modas de viola, a congada... Então a feira de semente é a contemplação de um trabalho da agroecologia, com a cultura junto, e no ano seguinte vai ter a semente para plantar. Na troca, você dá só um punhadinho, para fortalecer a produção de semente e não para fazer roça, porque o intuito é multiplicar a semente, para o produtor ter autonomia da semente e do trabalho. Não adianta ser agroecológico se não tiver sementes. Hoje é tudo transgênico e isto barra a agroecologia.

Lucimeire
Cunha

Na primeira feira, eu fui ao Paraná. A gente pegou sementes para levar, trouxemos sementes de lá, repartimos na volta e agora vamos trocar as do Paraná que plantamos.

Tamires Oliveira Amorim
Integrante GAFAC – Bairro Vargem Grande/Cunha



Consegui quatro variedades de feijão que tinha antes. Duas, eu não conhecia. Tem o feijão vermelho que diz que é da Argentina, que é dente de cavalo; o feijão rajado, que meu pai plantava muito e eu consegui de volta; e tem o carioca vermelho, que eu consegui a semente com o pessoal do Paraná.

Júlio Cesar
Cunha

Sistemas agroflorestais

Todo dia eu tenho colheita

Como estratégia de diversificação dos sistemas produtivos familiares, recuperação de matas ciliares, de nascentes e de outras áreas degradadas, o manejo agroflorestal, a coleta de sementes e a produção de mudas em viveiros comunitários estão sendo estimulados.

As experiências com Sistemas Agroflorestais (SAF) que já vêm sendo desenvolvidas pelas famílias em parceria com a SerrAcima deverão ser incrementadas e novas experiências implantadas em sistema de mutirão, com os desenhos dos arranjos agroflorestais de acordo com o planejamento e a realidade de cada família.



Antes eu trabalhava em fazenda para um e para outro e não tinha a minha produção. Eu fazia roça para o patrão e fazia as contas: quanto ele investiu e quanto faturou. E via que o caminho seria outro, pois o que ele investia na roça era mais do que ele faturava na lavoura, na colheita. Aí foi brotando a ideia de fazer uma agrofloresta.

Esta área antes era pasto, só braquiária, e eu comprei com a intenção de mudar. A agrofloresta eu diria que é uma roça perfeita com muitas plantas ao mesmo tempo. Nesta que estou fazendo, tenho 35 variedades que plantei. Com isto, todo dia eu tenho colheita, porque cada uma vai produzir numa época. Tem verdura, fruta e vai ter até madeira como o cedro e o ipê. E tendo a agrofloresta, eu tenho um solo mais protegido e mais rico, porque vou fazer o plantio direto, não vou arar nem vou capinar, não vai degradar o solo. Coloco o adubo orgânico que produzo aqui mesmo, dos resíduos que a natureza oferece, não compro de ninguém. Eu tenho manga, tenho banana, tenho amora, tenho laranja, pitanga, ameixa, pêssego, goiaba, limão, lima, pitanga, araçá, uva, cedro, ameixa... Está esparramado aqui nesta área e na outra que eu fiz. Fui colocando as plantas uma ao lado da outra, uma que combina com a outra. O pinheiro eu já tinha e coloquei castanha que combina com o pinheiro e abacaxi. Nas entrelinhas eu coloquei cinco linhas de rama de mandioca. Então na mesma área eu vou produzir cinco variedades de plantas e assim vou seguindo até que um dia serão 60 variedades de planta. Eu vejo que é bom para tudo. É bom para o meu alimento, para o meu sustento e para a conservação do solo.

Daqui a uns cinco anos eu vejo aqui um paraíso: aqui vermelhando de laranja, em cima amarelando de cachos de banana e os ipês tudo amarelinho. Comecei a plantar o primeiro SAF em 2005 e já está produzindo. Todo dia que eu vou lá, levo uma sacola de coisas para casa. Depois que este deu certo, comecei outra área. Vou aumentar a quantia de plantas e a minha esperança é ter um sustento desta área. Vou plantar mil covas de banana, cada cova vai produzir quatro cachos, o que seria quatro mil cachos de banana por ano. Dá uma safra satisfatória, a dez reais cada cacho fica um bom dinheiro. Se eu plantar mil árvores de castanha, cada pé adulto produz 50 quilos e o quilo é dez reais. Além desse dinheiro, eu vou ter um ipê, um cedro que ao longo dos anos também vai virar dinheiro. A mandioca, eu vou plantar mil e quinhentas covas, que produz de cinco a dez quilos cada cova. A minha pessegueira está florindo, são 26 pés de pêssego e vai dar uma boa safra. Laranja eu também vou produzir bastante. E protegendo o meio ambiente. O pinhão este ano colhi cinco sacos e consegui vender bem vendido.. A minha intenção é chegar a quinze mil plantas produtoras, que o espaço dá para plantar. Esse negócio eu considero um tesouro. Os galhos que secam e vão quebrando, aproveito para lenha. E o pinheiro é um verdadeiro reservatório de água, quando chove, a água fica na copada dele por mais de cinco horas pingando. Aonde é uma área de pinheiro como esta, água da chuva não vai embora de uma vez.

Seu Zé
Silveiras



Fiz experiência com agrofloresta que tem já um pouco de árvore nativa que eu preservo no correr da água. Estou fazendo ali meu SAF com frutíferas e cultivando também a poda das árvores nativas, para que elas cresçam juntas, que é importante para a natureza. No final do terreno, na parte bem alta, tem uma reserva grande de dois alqueires de mata que é uma coisa que a gente ama e adora e eu desejo também fazer o manejo dela e poder plantar as frutíferas lá também.

Dona Lurdinha
Cunha



Pecuária agroecológica



*Pastagem com piquetes

A pecuária é fundamental para a economia da região e as famílias produtoras de leite dedicam a esta atividade um tempo concorrido, todos os dias do ano. As práticas mais convencionais são fortes vetores de degradação dos recursos naturais e a dificuldade em garantir produtividade rentável em pastos degradados, com escassez de água e de recursos naturais, agregado a dificuldades de organização social e acesso a mercados, são problemáticas centrais que impactam na capacidade de resposta dos agricultores aos critérios estabelecidos pelas normas de vigilância sanitária para comercialização de seus produtos. Dessa forma, grande parte desses produtores são excluídos da etapa de comercialização, mantendo-se apenas como produtores de matéria prima, em sua maioria, desvalorizada.

Nos últimos dois anos, a criação de animais foi retomada como tema central da parceria com SerrAcima e nesse pouco tempo acumularam-se conhecimentos e resultados expressivos. No diálogo com a proposta de transição agroecológica, foram realizadas formações e 13 famílias desenvolveram experiências nos municípios de Lagoinha, Silveiras e Cunha, inspiradas nas técnicas de Pastoreio Racional Voisin (PRV), como piqueteamento e diversificação de pastagens, além de adubação verde dos pastos, lidas para o bem-estar de animais de grande e pequeno porte e tratamento com homeopatia.

Transição da pecuária extensiva dos grandes animais O pasto ajuda o gado, o gado ajuda o pasto

A pecuária extensiva da região mantém os animais soltos diretamente na pastagem. O projeto da SerrAcima propõe separar áreas de pastagens, as parcelas, através do piqueteamento. Para a família fazer parte tanto do planejamento como do investimento, deve avaliar suas possibilidades e tomar a responsabilidade do piquete para si. Assim, o projeto teve um recurso de investimento, mas toda família entrou com um dinheiro de contrapartida também. Não pegamos um pacote de Pastoreio Racional Voisin (PRV) como um modelo pronto, mas adaptamos com cada família, em planejamento participativo e a implantação se deu em mutirões.

O objetivo do PRV é levar a vaca para a pastagem. Ao invés de ficar cortando capim e servindo as vacas no coxo, o objetivo do PRV é fazer as vacas irem buscar a pastagem no momento certo e na hora certa: a pastagem começa a rebrotar depois de três dias e se as vacas estão em cima toda hora, elas começam a comer a rebrota, o que enfraquece o solo e a pastagem e contribui para a degradação da região.

Estamos tentando revitalizar o solo. Com esse sistema, a gente não usou nada de calcário e de adubo químico. Damos a leguminosa para o animal se alimentar e ele esterca na área e já implanta, e também a gente faz sobre-semeadura nas pastagens. A leguminosa contribui tanto com o nitrogênio para o solo como para a nutrição dos animais, porque ela é rica em proteína. Ao invés de ficar comprando ração, já se tem pastagem e alimentação melhorada no próprio piquete. As vacas pegam esse nutriente e usam para viver, primeiramente, e depois para produzir o leite. E ainda retornam a urina e o esterco com nutriente para o solo. A gente vê que aonde eles urinaram está tudo verdinho, o pasto cresce até mole. Tem muita gente que pensa que o animal, principalmente as vacas, só degrada o meio ambiente, mas com manejo adequado a gente consegue que esse ciclo se complete.

As árvores que colocamos este ano são também para dar sombra porque a vaca precisa de uma temperatura por volta dos 25 graus e aqui chega a 35° no verão. O animal fica estressado e além de diminuir a produção, fica mais suscetível à doença. A gente se preocupa bastante com o bem-estar animal. Colocamos tanto leguminosas como frutíferas. As folhas vão caindo e alimentando nosso sistema. Algumas frutíferas atraem pássaros, que são importantes, pois ajudam no controle dos parasitas dos bovinos. É importante a gente ter os animais silvestres.

Síntia
SerrAcima

Piqueteamento: No Pastoreio Voisin a pastagem é subdividida em áreas menores, enriquecidas com plantios que fornecem nutrientes para o solo e proteína para os animais, recuperando o ambiente e reduzindo o custo da produção.

Sombra, água fresca e pasto bom: a felicidade das vacas

Com o piquete a gente vê diferença, porque a vaca só pega pasto bom, fresquinho e chega a aumentar até um litro e meio de leite por cabeça. Outra vantagem do piquete é que elas gastam menos energia e não judiam tanto do pasto: andam menos, comem e já vão dormir. Menos gasto também por conta do carrapato, do berne, que diminui com estes manejos: quando as vacas chegam a voltar naquele piquete, os carrapatos já morreram. Então é um sistema que vale a pena. Para mim, está sendo ótimo. Eu acho chique esse manejo.

Adail Angelo

Integrante GAFAC, conselho fiscal SerrAcima, Bairro do Vidro/Cunha

No trabalho dos piquetes já tem um grupo que faz como um mutirão, vai gente que anda uns 20 km para chegar. Eu acho que é união, pois todo mundo está vendo que está bacana e quer fortalecer. Nos piquetes o gado só come pasto bom, pasto limpo. E como demora 30 dias para o gado voltar naquele piquete, as pragas como os carrapatos vão saindo. Voltei a botar as vacas, porque com pouco tempo já estou vendo resultado.

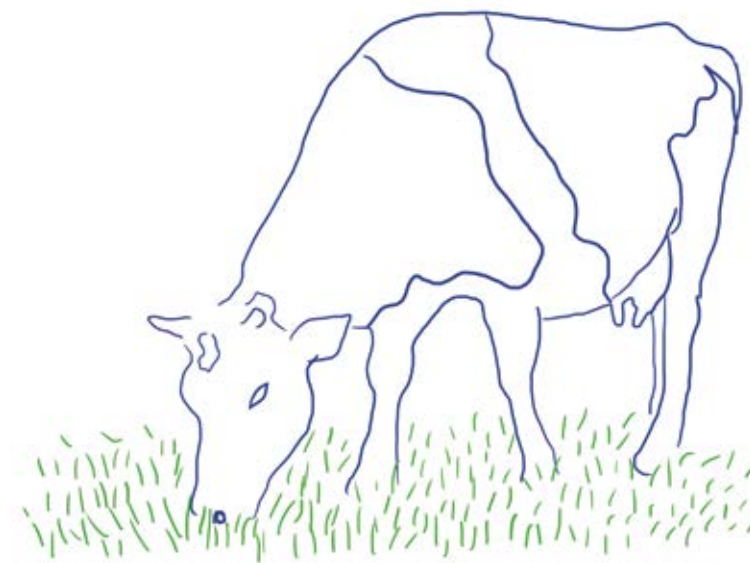
Júlio César

Cunha

Toda vida a vaca dava pouco leite. Mas a produção do leite da mesma vaca já melhorou bem depois do piquete. Cada vaca aumentou uns dois, três litros por tirada.

Benedito Aires dos Reis, "Seu Dito"

Agricultor familiar
Bairro Brejaúba/Lagoinha



Depois do curso da SerrAcima, começamos o trabalho com os piquetes. Antes não tinha separação do pasto, ficava tudo misturado. Agora vieram essas sementes para arrumar a terra, para arrumar os piquetes com as sementes certas, aprendemos no curso fazendo prática. Uma beleza, uma boa ajuda. Antes era só no trato, só no cocho. E apesar da falta de chuva, as sementes estão pegando bem. O pelo da vaca já mudou muito, fica mais liso, brilha mais e tem menos praga como carrapato e berne, que diminuiu bastante. E já diminuiu bem o trato na cocheira porque lá nos piquetes o gado come as plantas que foram semeadas. Era para fazermos menos piquetes e decidimos fazer mais: era pra fazer 17, fizemos 25. Cada piquete tem 10 por 15 metros e são oito cabeças mais os bezerros. Com esses piquetes diminui bem o trato, já gasta muito menos e menos farelo também, porque a vaca já vai embora do piquete mais sustentada. Eram oito sacas de farelo de 40 kg por mês e agora estamos comprando só quatro sacas por mês. A gente está planejando: se funcionar tudo bem, pensamos ter menos criação e menos serviço, porque com oito cabeças, se tiver umas três ou quatro boas, é outra coisa.

Clarice Barbosa Reis Castro

Agricultora familiar
Bairro Brejaúba/Lagoinha

13 unidades produtivas familiares de 10 bairros em Cunha, Lagoinha e Silveiras implantaram em sistema de mutirão um total de 224 piquetes, somando uma área de 166.977 m² de pastoreio rotacionado.

Está fazendo um ano que a gente começou a usar o piquete e já tivemos bons resultados: percebemos que com menos terra é capaz de ter o mesmo gado. Antes tinha que tratar mais vezes e hoje nem precisa tanto de ração no cocho, gasta bem menos. O que achei interessante, muito lindo, foi o primeiro dia que a gente levou as vacas no piquete, quando abrimos a porteira, que soltamos. Nossa! Precisava ver a felicidade das vacas. Eles queriam comer, comer... No outro dia, fomos tirar o leite e percebi nas vacas aquela tranquilidade, tudo calmo, remoendo, que quando elas estão de barriga cheia, ficam remoendo. Isso foi uma alegria e era resultado do piquete.

Maria Helena
Cunha



Vai ensinando a gente a sair das compras que faz nas casas de ração e no fim do mês, dá economia. E o gado da gente não usa muito remédio comprado, come muito a produção do sítio que não tem veneno. Melhora a saúde da gente e a do gado.

Adir, "Bi"
Cunha

Para mim está sendo bom porque as vacas ficam mais tranquilas, sossegadas. Quando você põe a primeira vez naqueles piquetes, vê a diferença do gado. E o leite também melhora. Então, tem vantagem.

Joaquim Jacinto de Amorim
Agricultor familiar
Bairro Conselho/Cunha

Galinhas Caipiras:

"A salvação da cozinha" e sua integração com as lavouras

Estamos iniciando um trabalho para melhorar o bem-estar das galinhas, vou fazer o curso e investir. Tenho galinhas há bastante tempo, mas sempre soltas. Com os piquetes, a ideia é melhorar a qualidade de vida delas. É um conjunto de coisas: como o esterco da galinha vai para a compostagem e para o minhocário, por isso tem que trabalhar a qualidade da alimentação das galinhas. Se trabalhamos com produto agroecológico, como vamos por um esterco de galinha que é tratada com milho transgênico? Então é trabalhar nessa linha - que a galinha é um animal mais fácil de trabalhar e não exige tanto espaço - garantindo uma comida de qualidade para que ela dê um retorno favorável para nós. Usamos o milho que já temos plantado e a galinha vai pastejar no piquete, diminuindo a quantidade de milho usado. Os ovos, a gente comercializa bastante na feira com um retorno favorável bem visível.

Lucimeire
Cunha



As criações de pequenos animais são muito importantes para a sustentabilidade das unidades produtivas familiares. Mas foram perdendo espaço, na convivência desigual exercida pela pressão da monocultura e da especialização. A SerrAcima busca resgatar e qualificar essas práticas, que contribuem significativamente para a ampliação do autoconsumo, a geração de renda familiar, a segurança econômica do sistema produtivo e para melhor aproveitamento das potencialidades de integração de criações e lavouras, aproveitando os recursos naturais disponíveis nas propriedades.

Não há dúvida sobre a importância da presença das galinhas na unidade familiar; os ovos e a carne são muitas vezes a salvação da cozinha. Além disto, ovos e frangos caipiras são cada vez mais valorizados e procurados pelos consumidores, por sua maior qualidade e por serem mais saudáveis. No passado, o melhoramento se dava principalmente trocando ovos e aves entre agricultores de várias regiões e até mesmo de outros estados. As galinhas caipiras são normalmente uma grande mistura de raças.

ÁGUAS E MATAS

A água, nosso ouro atual.

Teve uma evolução que a maioria está se preocupando em preservar as nascentes.
As biofossas também não existiam e todo mundo está preocupado em fazer.

Ailton, "Zac"
Cunha

A garantia de acesso e de qualidade da água é fundamental para a saúde, a permanência, a produção e a reprodução das famílias em seu local de origem e tem sido uma das grandes motivações e demandas no trabalho voltado à agroecologia, recuperação e conservação dos recursos naturais. Particularmente na região sudeste do Brasil, a mais populosa do país, a questão hídrica se agravou intensamente nos últimos anos, em relação direta com as consequências do modelo de desenvolvimento baseado no agronegócio e na industrialização maciça, prejudicando indiscriminadamente campo e cidade.

As famílias estão sentindo os efeitos da forte crise de escassez e poluição da água; e a proteção, recuperação e conservação dos recursos hídricos, que têm sido foco de atuação da SerrAcima há pelo menos 12 anos, voltaram a se intensificar mais recentemente. A preocupação com o saneamento básico, com a captação e o aproveitamento da água também se avolumaram nos últimos dois anos, sendo uma prioridade estabelecida pelas famílias na parceria com a SerrAcima. Assim, aumentou consideravelmente o investimento coletivo na construção de biofossas e no reuso de água cinza das casas. Existe ainda a necessidade de atender a uma demanda por alternativas de captação e aproveitamento da água da chuva.



Proteção e Recuperação de Nascentes e Rios

A água forma dependendo também do mato que formou

No começo, o pessoal resistiu de cercar as nascentes. Por falta de conhecimento, achando que se fechasse o governo depois teria direito de alguma coisa. Mas agora começou a ver que não é isso. As próprias famílias estão fechando, até por causa da seca que deu, um bocado faltando água e todo mundo está ficando com medo. De um jeito ou de outro, está dando certo e a SerrAcima tem muita importância nisso.

Ailton, "Zac"
Cunha



A água que a gente usa aqui em casa é de uma mina que não é na nossa propriedade. Mas o dono da propriedade onde tem a nascente permitiu a gente entrar lá e fechar a nascente. Então vimos que aumentou a água. O gado entrava lá para beber água e já não entra mais. A água vem mais limpa, está mais pura. Não só aumentou, como melhorou a qualidade da água.

José Augusto, "Gu"
Cunha

A água forma dependendo também do mato que formou. Quando eu mudei, aqui não tinha mato. Mas os angicos e outros matos foram crescendo, por aí se vê que aumentou. Essa água grandona dali agora está pouca. Não se sabe bem o porquê, só que não tem mato nessa nascente. E esse córrego principal, quando eu vim pra cá, aquilo lá era um ribeirãozinho, tinha muito peixe..! E agora não tem. E não se sabe bem o significado, o porquê.

Nelo Amorim
Agricultor familiar
Bairro do Vidro/Cunha

A água já melhorou. Depois que eu fiz as cercas e fechei a nascente, o gado não pisoteou mais a área no entorno. E a água não secou mais porque já estava cercado, reflorestado, sombreado, então a água manteve firme.

José Antonio, "Seu Zé"
Silveiras

A minha água é de nascente e depois do curso eu fiz proteção da nascente: pode chover três dias que a água fica na caixa, limpinha.

Marilza
Cunha



*Mutirão de proteção de Nascente

Eu fiz tratamento da minha fonte, evitei que a minha água tenha contato com a superfície. Fui no olho d'água, limpei, fiz uma valeta grande, botei um cano de 100 milímetros para a limpeza da fonte, levantei os anéis, protegi o olho d'água, ampliando sempre a vegetação natural e mantendo o lugar cercado. Pode dar a enxurrada que for em volta, pode dar o temporal que der em volta, a minha água está sempre limpa, sempre potável. Não tem contaminação.

Moizés
Cunha



Proteção e recuperação de nascentes e matas ciliares

- Ocorreram sete iniciativas de proteção de nascentes e minas, com cercamento, alvenaria, plantios diversos e instalação de tubulação para a casa, em quatro bairros de Cunha, beneficiando 39 famílias.

Defender nascente e defender curso d'água não é perder pasto

Fizemos duas análises dessa água e verificamos que ela estava mesmo imprópria para consumo humano. Então estamos fazendo aqui uma cerca de um quilômetro e duzentos metros protegendo tanto a nascente quanto o curso d'água, até onde o gado poderia contaminar. Não adianta nada ter um belo pasto e não ter água para o gado beber e foi isto que convenceu o proprietário a entrar nesse projeto. A gente reuniu as 12 famílias que são beneficiárias dessa água e se cotizou com dinheiro mesmo, compramos os materiais necessários e estamos fazendo nós mesmos em sistema de mutirão. Estamos acabando de fazer a cerca, deve haver ainda o plantio das matas nativas em torno do curso d'água e da nascente. Aqui, como é uma região de produção de água, precisamos ter mais cuidado com isso. Esse é o futuro, não tem outro jeito. Ou fazemos isso ou morremos de sede. Tem que convencer as pessoas de que defender nascente e defender curso d'água não é perder pasto. Porque se fizer aqui um projeto de agrofloresta, por exemplo, e junto com a mata nativa plantar frutas, vai ganhar muito mais dinheiro do que tendo pasto e tirando leite. Além do quê, está protegendo a nascente, que é água, o nosso ouro atual.

Joás Ferreira de Oliveira

Secretário da Associação dos Moradores e Produtores Rurais dos Bairros Sítio,
Paraibuna, Rodeio e Rio Abaixo - AMPRASP
Bairro do Sítio/Cunha

Tudo começou com a necessidade da nascente, que estava desprotegida e o gado estava pisando sobre ela e contaminando a água.

Juliano dos Santos Monteiro

Jovem da AMPRASP
Bairro do Sítio/Cunha

A gente está com esse intuito de preservar a nascente para no futuro ter água.

Douglas José Monteiro

Jovem membro da AMPRASP
Bairro do Sítio/Cunha

Tratamento da água

Tudo o que a gente não pode fazer de bem a gente também não deve fazer de mal

Tratamento de Água

- 8 biofossas construídas nos últimos dois anos, sendo 4 por iniciativa própria
- 2 tratamentos de água cinza, sendo um por iniciativa própria

Por onde a gente passava via uma biofossa, um sistema de reutilização de água cinza, essas coisas assim. E já sabia: “o Ismael da Serra Acima passou por aqui”. Isso é importante porque vai transformando o modo da gente viver hoje em dia.

Juliano
Cunha

Semana passada foi feita a biofossa na minha casa. Faz com pneus, com pedra brita, com entulho, uma série desses objetos, para a rede de esgoto de descarga sanitária. Tampa, enterra, planta as árvores que são da água ali em cima e fica um quintal perfeito. Não vai poluir o meio ambiente. Coisa chique, coisa rica. A gente já fez e outro vizinho lá do outro bairro está fazendo também.

Marilza
Cunha

Não devemos jogar o esgoto no rio porque a fossa negra acaba com a água. Tudo o que a gente não pode fazer de bem a gente também não deve fazer de mal. Eu gostei da ideia dessa fossa e está dando certo: a gente cava o buraco, pega uma tela de galinheiro, coloca em volta, ou uma estopa para rebocar, segurar o barranco. Depois empilha os pneus em pé, até completar o buraco. Coloca uns canos bem embutidos dentro para respiro. Depois enche de entulho em volta dos pneus e cobre tudo até um certo ponto, coloca terra e plantas de folha larga, que requerem mais água tipo bananeira, taioba, copo de leite.

Osmair
Cunha

O trabalho de tratamento da água cinza lá em casa deu resultado bem positivo. Eu tive prova disso: fui dar uma limpeza e vi a quantidade de resíduo que jogava na natureza e nem percebia, estava ali parado nas pedras. Foi um resultado bastante satisfatório para nós e estamos com ideia de melhorar ainda mais.

Lucimeire
Cunha





Água da pia, da cozinha, do lavatório e chuveiro são uma rede só, tirando o sanitário que vai para a fossa. Nunca soltei aberto no terreiro, mas tinha um trecho que passava no encanamento e depois jogava no meio do campo, ficava um cheiro forte. Aí resolvi fazer o tratamento. A gente percebe que as gorduras que vêm nos restos de comida ficam grudadas nas pedras, param ali. Vão passar por três processos de purificação: o primeiro é feito com pedra pura, só pedra graúda. Depois é com pedra brita, areia e terminando com pedra brita de novo, três camadas. E o terceiro é pedra brita, areia e planta em cima. Com os três processos já ficaram pra trás todos os resíduos, comida, sabão. Hoje já dá para reusar a água, se quiser eu já posso, inclusive o gado bebe essa água e não está fazendo mal, porque no final já é uma água limpa, não está com cheiro forte. Depois que passou pelas plantas, eu vou jogar exclusivamente para um cano e fazer um lago só com planta. Queria ver se arrumava um canto isoladinho para botar uns peixinhos para criar. Vou fazer um teste, uma experiência, para ver se não vai ficar nenhum resíduo na água. A prova disso é se os bichinhos criarem na água do reuso, é certeza que a água está 90% limpa. Não própria para consumo humano, mas para criação e regação.

José Lourival, "Val"
Cunha



Bastante gente soltava tudo direto no rio, o esgoto sempre aberto. Hoje isso está acabando. O pessoal está tomando consciência que não é certo.

Ailton, "Zac"
Cunha

É bom ter o próprio negócio

A gente produzia e passava para os feirantes que vendiam em Guaratinguetá. Eles pagavam 3 reais a dúzia de alface, coisa pouquinho, 25 centavos o pé. E agora aqui na feira vendemos a um real, 1,50... já melhora muito! É bom ter o próprio negócio. Eu gostei. É melhor vender direto para o consumidor do que passar para alguém revender e ganhar dinheiro em cima da gente.

Otávio, "Peixe"
Cunha

O acesso a mercados é desafio constante de aprimoramento: para além da garantia de canais de comercialização e da articulação necessária para acessá-los, é preciso dar conta da regularidade, qualidade, quantidade e diversidade de produtos para abastecer os diferentes mercados disponíveis e aqueles a explorar, com preços e relações justas e compensatórias. Para isto, é fundamental garantir a organização e o planejamento da produção.

Neste terceiro ciclo retomamos a questão do beneficiamento, potencializando mais os produtos e a venda e alavancando conhecimento sobre oito diferentes frutas. São principalmente as mulheres que têm assumido para si essa questão.

Luana
Serra Acima

Antes, a gente produzia e perdia. O que estou vendo agora é que se pode comercializar aquilo que se trabalhou para produzir. Foi importante evoluir na comercialização, foi um grande passo, pois a gente trabalha com o interesse de usufruir daquilo que fez.

Moizés
Cunha



* V Feira de Trocas de Sementes Crioulas e Mudas de Cunha



Como, onde e quanto

Plano de negócios, mercados e geração de renda

Como: o Plano de Negócios

A elaboração de um Plano de Negócios, ou Plano Estratégico de Acesso ao Mercado foi um resultado importante dos últimos dois anos de projeto, sistematizado a partir de um diagnóstico participativo da produção e comercialização do GAFAC, que identificou potenciais, deficiências e interesses no contexto mais amplo do processo de qualificação da Organização Social protagonizada pelo grupo. Esse processo incluiu mais de 20 eventos em gestão participativa, entre reuniões, seminários, oficinas e intercâmbios. A organização social, a estruturação produtiva e o fortalecimento institucional destacaram-se como eixos estratégicos do Plano para garantir a qualificação e a ampliação da inserção dos produtos das famílias parceiras no mercado.

O plano de negócios reafirmou o potencial de venda de produtos agroecológicos nos municípios do Vale do Paraíba. É grande o espaço para crescimento, tanto nos mercados já estabelecidos, como a feira e a alimentação escolar, quanto em novos espaços de articulação, como pousadas, restaurantes, a Casa do Artesão de Cunha, a Feira de Arte, mercados e datas festivas municipais. As famílias se demonstram motivadas com a possibilidade de experimentar novas iniciativas de trabalho e de geração de renda, com destaque para o potencial de verticalização da produção, com significativa agregação de valor em vários produtos, como os pré-processados - folhas lavadas, couve e saladas picadas, aipim e abóboras descascados - os processados - doces e geléias - e o artesanato

Augusto, "Caju"
Consultor SerrAcima

Onde: Mercados

Em torno de 60% da produção, vendemos na Feira. Para as escolas, vai em média 30%. E 10% da venda é aqui em casa mesmo. Do total, mais ou menos uns 5% ou talvez mais é para o consumo da casa. Se não fosse a alimentação escolar, a feira e a venda direta em casa, talvez tivéssemos parado de produzir.

José Augusto, "Gu"
Cunha

A gente é feirante já há cinco anos e também entrega para a merenda escolar. É uma satisfação muito grande os fregueses estarem comendo um produto saudável e elogiando o trabalho que fazemos. Nossa filha estuda na escola e consome o alimento que ela vê eu e o pai dela plantando. Fomos conquistando a freguesia aos pouquinhos, demonstrando muitas coisas e conseguindo fazer com que eles acreditassem no nosso trabalho

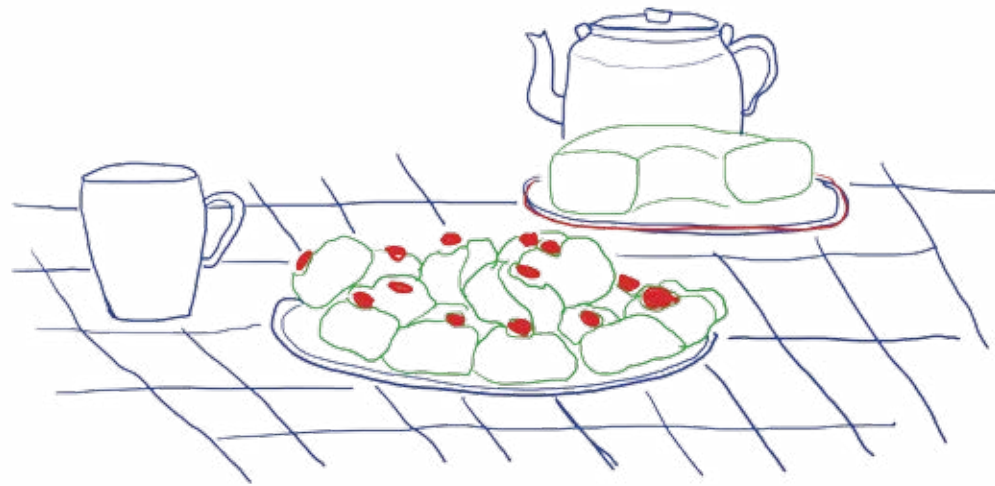
Lucimeire
Cunha

São três formas principais de comercialização que estamos trabalhando aqui na SerrAcima. Uma é a merenda escolar, uma política do governo federal que lutamos muito para que a Prefeitura realize, através da compra e inserção dos produtos dos agricultores na alimentação dos alunos. O fornecimento semanal para o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), além de dar uma renda interessante, implica em reforçar o exercício de planejamento da produção. Um segundo mercado são as duas feiras semanais dos agricultores familiares agroecológicos, uma em Cunha e outra em Campos Novos de Cunha. Um terceiro mercado é associado ao turismo: esta é uma região de estância climática e tem um movimento de turismo e de festas, então estamos fazendo exercícios práticos de produção para este tipo de mercado.

Augusto, "Caju"
Consultor SerrAcima

As feiras agroecológicas de Cunha e de Campos Novos completaram 6 e 4 anos respectivamente, com 12 famílias comercializando semanalmente.

A comercialização de produtos para alimentação escolar é realizada por famílias do GAFAC desde 2009 de forma avulsa. A partir do segundo semestre de 2014, a prefeitura de Cunha conseguiu adequar-se à legislação, realizando chamada pública e passando a comprar do GAFAC enquanto grupo organizado, com a participação de 19 famílias. Hoje, 16 famílias abastecem com sua produção agroecológica 33% do total de alimentos fornecidos nas escolas estaduais e municipais de Cunha: 4.015 alunos de 65 escolas urbanas e rurais.



Ninguém conhecia o que era lei, o que significava o artigo da lei, o que significava chamada pública. Depois que descobrimos o que era PNAE e como vinha o recurso, começamos a ir atrás da Prefeitura, a falar que temos direito de entregar tantos por cento. A gente fecha um contrato e entrega o ano todo com preço fixo. Assim, antes de plantar já está comercializado. É uma parte boa para nós.

Ailton, "Zac"
Cunha

Estamos colocando uma alimentação saudável, garantindo ao mesmo tempo a saúde do nosso aluno e suas condições de aprendizagem. Os produtores estão levando para a escola o que os filhos deles comem em casa. Para eles, isso é uma realização pessoal e profissional. E é importante para o município, que consegue comprar e gerar renda dentro de seu próprio território.

José Eder
Professor e Subsecretário de
Educação do Município de Cunha

Quanto: Geração de Renda direta e indireta

Boa parte da produção não é para venda, é para trocas e para a segurança alimentar da família. Existem rendas monetárias e rendas não monetárias que procuramos apurar. Quando fazemos esse exercício juntos, eles percebem a quantidade de coisas que estão produzindo para si mesmos e que é dinheiro, só que é uma conta não monetária. Tudo isso a gente procura colocar na conta.

Augusto, "Caju"
Consultor SerrAcima

Estamos contentes, mas não só pelo valor do dinheiro: eu, pelo menos, trabalho na horta mais pelo gosto de plantar e ver a planta germinar, crescer e dar o fruto. A terra, quando vê, está florindo de tudo. É muito bonito. Uma vagem que a gente planta três carocinhos, de repente colhe muitos quilos e ainda tem mais naquele pé. Coisa linda. As crianças nas escolas estão comendo orgânico todo dia e precisa ver o quanto a criançada gostou, como eles aprenderam a comer a salada! Outro ganho é que a gente não vai gastar no mercado. Tem a batatinha, tem a couve, a cenoura, o alface, tem tudo na horta. Então esse é outro lucro nosso, com uma diferença grande no gasto por mês.

Marilza
Cunha



Financeiramente, também ganho a alimentação da minha família. Hoje eu pego uma verdura da minha horta e sei que estou consumindo um alimento saudável.

Antes eu comprava e tinha até medo de consumir. Hoje não, a gente tem certeza do que está fazendo. E também você vende com prazer a verdura para o consumidor porque sabe que ele vai consumir uma coisa saudável. Para mim, isso é um ganho muito importante.

Ailton, "Zac"

Integrante GAFAC, Cunha



Não adianta apanhar um monte de dinheiro se gasta muito para comprar semente, adubo, para preparar a terra, pagar funcionário. No final, se for fazer as contas, não sobra dinheiro. Falando bem a verdade, com essa produção a gente minguou de comprar até remédio de farmácia das crianças, vamos menos na farmácia.

Adir, "Bi"
Cunha

A SerrAcima está trazendo isso para nós, está mostrando que isso dá certo, que a gente consegue sobreviver, consegue prosperar. Não precisa continuar agredindo o meio ambiente para conseguir recursos para viver bem. Dá para viver em parceria com a natureza, que é o certo, sem explorar ela e viver com qualidade de vida e com recurso também.

Juliano
Cunha

Feira agroecológica de Cunha

Ano	Famílias	Variedades comercializadas	Volume comercializado	Valor total comercializado	Faturamento mensal médio por família
Out/13 a Set/2014	06	143 variedades 13 produtos	17.174 kg	R\$ 47.664,00	R\$ 686,00
Out/14 a Set/2015	09	123 variedades 7 produtos	19752 kg	R\$ 68478,00	R\$ 951,00

Fonte: Livro de romaneio da Feira Agroecológica de Cunha

Feira agroecológica de Campos Novos

Ano	Famílias	Variedades comercializadas	Volume comercializado	Valor total comercializado	Faturamento mensal médio por família
Out/13 a Set/2014	04	65 variedades 1 produto	3.069 kg	R\$ 8794,00	R\$ 183,00
Out/14 a Set/2015	03	60 variedades 1 produto	2438 kg	R\$ 8.049,00	R\$ 224,00

Fonte: Livro de romaneio da Feira Agroecológica de Campos Novos

A renda não monetária das famílias – aquilo que é produzido e consumido pela família na própria unidade de produção familiar - tem variado entre R\$ 500,00 a R\$ 1.000,00 mensais (estimativa realizada em 2011). Esta ampliação na renda é traduzida em melhoria das condições de vida e trabalho: 122 pessoas foram beneficiadas direta ou indiretamente por práticas de saneamento básico e proteção de nascentes; as famílias adquiriram e/ou reformaram sete veículos que permitem o transporte para a feira e para o PNAE; reformaram três residências; compraram implementos agrícolas; reformaram instalações de produção e compraram linhas telefônicas fixas e móveis.

Programa Nacional de Alimentação Escolar
Compra Direta da Agricultura Familiar em Cunha

Ano	Famílias	Variedades comercia- lizadas	Volume comercia- lizado	Valor total comercia- lizado	Faturamento mensal médio por família
2014 (34 semanas)	18	16	18489 kg	R\$ 46714,00	R\$ 2.595,21
2015 (18 semanas)	14	19	9.047 kg	R\$ 33.341,00	R\$ 2.381,50

Fonte: plano de vendas



Processando os alimentos, aumentando as possibilidades

Estamos trabalhando com um grupo de mulheres as boas práticas na produção e beneficiamento de alimentos. Começamos trabalhando com a produção do campo, vemos como as práticas têm influência sobre a sanidade do alimento que eles vendem. Depois a gente vem para a manipulação na fabricação de alimentos e daí para a venda. O curso tem uma parte de teoria, mas fazemos o máximo de prática, da forma como as coisas acontecem. Quanto ao preço, fazemos um exercício concreto de produção para poder definir. Nesse exercício prático, há uma produção in natura para venda direta e a gente tenta garantir que daqui a três meses seja possível ainda vender a abóbora que só está boa hoje. São vários produtos que têm uma produção sazonal e tentamos alongar seu aproveitamento. Em outros lugares, a tentativa seria com produtos químicos, congelando, aplicando alguma coisa para durar ou então produzindo fora de época. Mas aqui buscamos produzir cada coisa na época. Os agricultores familiares, agroecológicos, daqui da nossa turma, têm uma diversidade muito grande de produtos. A agroecologia vai por aí: ao invés de tentar produzir uma quantidade muito grande num período de tempo muito curto, se produz sempre uma diversidade grande e cada época tem a sua safra

Augusto, "Caju"
Consultor SerrAcima



No curso estamos aprendendo melhor porque na verdade tem umas regras que é preciso seguir. Aprendemos muito na higienização, como deve ser lavado o produto antes de cortar e que a pia que vai usar deve ser bem limpinha com cloro. Está sendo importante porque a cada dia a gente aprende mais.

Marilza
Cunha

Acho importante a questão da mulher porque ela não tem uma renda fixa, a não ser como dona de casa. Cozinha, lava, passa, limpa a casa, cuida dos filhos, mas não gera uma renda que seja sustentável para ela. O objetivo é que ela ganhe uma autonomia da mesma forma que os homens chefes de família, para deixar de ser totalmente dependente do homem da casa, que só ele gera renda. Hoje esse conceito já está mudando, alguns já veem o trabalho que a gente faz, a parceria. Reconhecem o trabalho da mulher. E a gente está mostrando com o intuito de a mulher ter a marca dela também.

Lucimeire
Cunha



Normalmente, as mulheres, assim como a juventude, têm tratamento diferenciado, tanto no que se refere a direitos como em oportunidades e investimentos. Nas famílias e na sociedade como um todo, o trabalho de mulheres e jovens costuma ser desvalorizado e considerado como “ajuda” e suas perspectivas e demandas nem sempre são consideradas nos processos de tomadas de decisão das famílias e organizações. Mulheres e jovens têm dificuldades adicionais em gerar ou dominar a renda obtida por seu trabalho e particularmente em dar visibilidade à renda que produzem, o que os/as torna ainda mais vulneráveis.

Toda a proposta de trabalho com as mulheres é orientada pela valorização e visibilidade de seu papel como agentes sociais, como possuidoras de direitos e demandas próprias; bem como pelo reconhecimento da importância do protagonismo da mulher no desenvolvimento local, no fortalecimento da agricultura familiar sustentável, na geração de renda, na manutenção da soberania e segurança alimentar das famílias e no fortalecimento das organizações sociais.

Boas práticas de beneficiamento de alimentos e preparo de doces e saladas prontas

- Oficina de processamento mínimo de saladas (saladas prontas de couve, repolho, repolho com cenoura) - casa de família agricultora, Vargem Grande/Cunha - 13 participantes: 7 mulheres e 6 homens
- Oficina de produção de doces (doces de abóbora com cal, abóbora em barra, conserva de pinhão com molho de vinagre fervido) - casa de família agricultora, Campos Novos/Cunha - 21 participantes: 13 mulheres e 8 homens
- Duas oficinas de produção de doces na cozinha (doces de abóbora em calda (com cal), abóbora em barra, doce de batata doce em barra, doce de leite em barra, cocadas, doce de pêssego em barra) – cozinha industrial sede SerrAcima – 5 a 7 mulheres participantes, em cada.



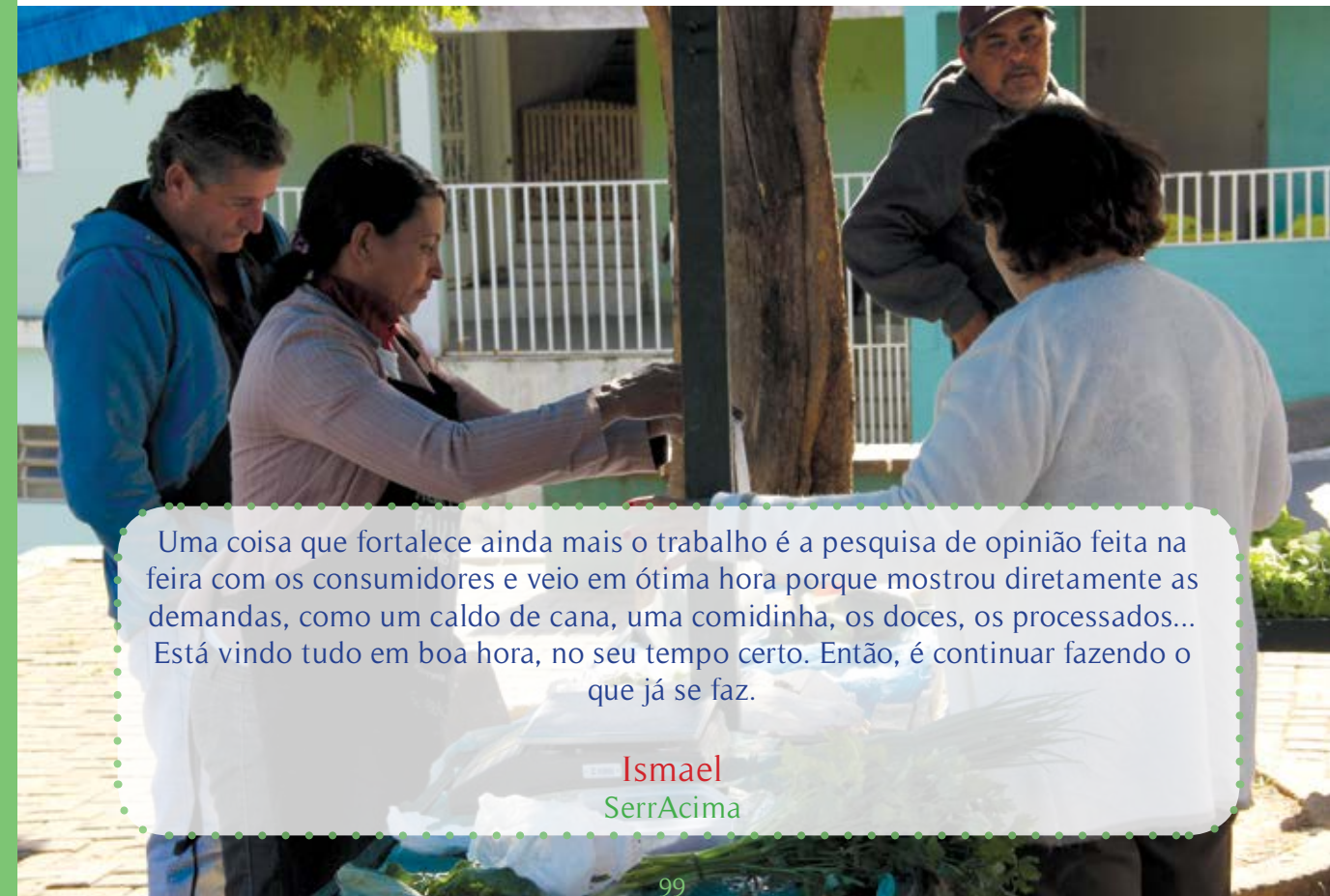
O OLHAR DOS CONSUMIDORES

Os consumidores ficam felizes de estar sendo consultados e poder dizer a opinião deles. É importante este diálogo agricultor-consumidor.

Luana

SerrAcima

Como parte da proposta de monitoramento e avaliação permanentes, a SerrAcima vem realizando pesquisas de opinião com os consumidores da Feira Agroecológica de Cunha. Na mais recente, de 23 entrevistados 19 eram moradores da cidade e todos identificaram a feira como agroecológica, e afirmaram a importância de uma maior e mais variada oferta de produtos. Os consumidores também acham que o preço é baixo, em oposição ao senso comum sobre o preço elevado da produção sem agrotóxicos.



Uma coisa que fortalece ainda mais o trabalho é a pesquisa de opinião feita na feira com os consumidores e veio em ótima hora porque mostrou diretamente as demandas, como um caldo de cana, uma comidinha, os doces, os processados... Está vindo tudo em boa hora, no seu tempo certo. Então, é continuar fazendo o que já se faz.

Ismael

SerrAcima

Lá em casa a gente sempre procurou o orgânico, o que não tem adubo nem defensivo. Eu acho que o sabor é outro. Comprando aqui também é uma forma de incentivar a aumentar a produção e partir para outros produtos.

Cida Matioli

São Paulo,
Consumidora da feira agroecológica
de Cunha



Eu compro praticamente todos os sábados aqui na feira. Compro porque sei da origem dos alimentos e porque acho importante fortalecer a agricultura familiar. Acho que isso é uma forma de fortalecimento inclusive da nossa economia. O sabor é totalmente diferente do produto do mercado. Sem contar que é um benefício tremendo para nossa saúde.

Bethânia Focchi

Cunha,
Consumidora da feira agroecológica



A feira é um espaço que eu realmente adoro. Além de ser uma consumidora fiel, aqui eu vejo os resultados daquilo que a gente planeja, avalia e organiza juntos lá no escritório. Vendo essa produção tão ampla, tão linda, eu fico orgulhosa de todo trabalho que está sendo feito. Esse espaço da feira pra mim também tem um outro valor: de ser um espaço que mostra uma conquista da agricultura familiar, que já existe, mas que tem pouca visibilidade. Então, as famílias agricultoras ocupando essa praça todos os sábados, na chuva, no sol, tempo bom, tempo ruim, cheios de produtos, isto é muito bom para as pessoas, para a comunidade, para a cidade de Cunha, em geral.

Alketa

SerrAcima

REDES DE ARTICULAÇÃO, PARCERIAS E INCIDÊNCIA POLÍTICA

Temos feito uma articulação que para nós é bastante valiosa

A disseminação e a consolidação gradativa das ações vêm permitindo um diálogo mais para fora, em ações de articulação e incidência política. Incluem mobilizações, intercâmbios, trocas de experiência entre comunidades, populações tradicionais, extrativistas, organizações, coletivos e redes do território maior do Vale do Paraíba, do Litoral Norte Paulista (Ubatuba) e do Litoral Sul Carioca (Paraty). Já existe um histórico muito relevante de articulação entre organizações vinculadas à agroecologia nesse vasto território, em boa parte estimulada inicialmente graças à realização dos Projetos Demonstrativos (PDA) do Ministério do Meio Ambiente de diversas organizações da sociedade civil. E que foi se consolidando pela primeira vez em propostas comuns a partir do debate sobre as Cadeias Produtivas da Sociobiodiversidade para aquele território, em 2008.

SerrAcima passou também a interagir mais de perto com o Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra-Paraty e Ubatuba, promovendo trocas de experiências e agendas e integrando-se a lutas comuns em torno de direitos territoriais, de desenvolvimento sustentável na região e de novas possibilidades de canais de comercialização. SerrAcima se mantém nas Articulações Paulista e Nacional de Agroecologia (APA e ANA), abrindo outras possibilidades de trocas e ampliando a incidência política em ações relativas à agroecologia, à comercialização e à agricultura familiar.

Temos feito uma articulação que para nós é bastante valiosa, em redes onde vários outros atores e organizações estão articuladas: dialogamos com a Rede Agroflorestal do Vale do Paraíba, que abrange municípios como Pindamonhangaba e São José dos Campos; e com o território da Serra do Mar, que inclui Cunha, Paraty, Ubatuba, São Luis do Paraitinga e Natividade da Serra. Nesses intercâmbios, a gente é muito visitado e visita também, tentando fazer com que tudo que está sendo construído incida sobre políticas públicas. Ao mesmo tempo, estamos trabalhando para que as políticas sejam acessadas pelas pessoas, coletivos e comunidades. São experiências locais propondo o desenvolvimento local, mas atentas ao âmbito do território, da região e até do contexto nacional. Na Articulação Nacional de Agroecologia formamos um grande coletivo, construindo de diferentes maneiras e nos mais diversos locais, caminhos para o desenvolvimento do Brasil, muito concretamente.

Luana
SerrAcima



SerrAcima está conectada à Articulação Nacional de Agroecologia, um movimento horizontal que articula em redes os processos sociais locais e regionais autônomos voltados para a inovação agroecológica. Essas redes são formadas por diferentes movimentos sociais, organizações de base, instituições de assessoria e organizações da agricultura familiar, em suas múltiplas formas de expressão, e também por profissionais de instituições de ensino, pesquisa e extensão rural que atuam na área do desenvolvimento rural.

Entre a serra e o mar, a rede de um território ameaçado

Essa parceria entre o pessoal do litoral e o da região serrana começou com a Rede de Sementes e a formação em agroecologia, na década de 90, e inspirou outros projetos para a região litorânea, como foi o caso do protagonismo juvenil e a promoção da palmeira Juçara nas comunidades quilombolas. Essa Rede era em função do potencial das sementes florestais, com as particularidades: o pessoal serrano com foco na agricultura familiar e na produção de hortaliças e de grãos e o do litoral com o manejo da juçara e o turismo. Vimos uma possibilidade de estar mandando sementes florestais lá para cima e estar pegando hortaliças aqui para baixo. Isso ainda está nos planos, pensando na complementaridade entre o perfil e a aptidão produtiva de cada região e o quanto elas dialogam com a perspectiva de uma rede de economia solidária, na qual os produtos agroecológicos possam circular da serra para a baixada e da baixada para a serra.

Esta parceria está no contexto de um processo de construção territorial que faz a conexão entre o litoral e a parte serrana, na perspectiva de um território agroecológico que tem ameaças comuns, como os grandes empreendimentos, a relação com a política ambiental e as Unidades de Conservação, que em muitos casos inibem e proíbem as práticas agrícolas tradicionais, e a especulação imobiliária, que vê a terra como uma moeda de mercado e não como um espaço para reprodução da vida. Então, a parceria fortalece a luta dessas comunidades, no sentido de valorizar a identidade étnico-cultural dos grupos que permanecem resistindo e apresentando alternativas viáveis para a continuidade da vida nesses territórios.

As estratégias dessas lutas comuns de fortalecimento das comunidades passam pelo diálogo com as gerações, os mais velhos, a juventude, e pelo o respeito ao papel das mulheres. Buscam proporcionar um movimento de troca entre os agricultores, na perspectiva da geração do conhecimento a partir da visão e da experiência de cada um. Também se promove o diálogo sobre a identidade, compreendendo que elas dialogam com políticas públicas e são importantes para a luta pelos territórios: as comunidades ligadas ao Fórum se identificam como tradicionais e lá em cima são agricultores familiares, alguns falam “caipira”. É importante compreender a identidade, que tanto pode trazer sentimento de pertença e de orgulho, quanto sentimento de desvalorização e de vergonha.

A parceria com a SerrAcima traz um pouco de cada um desses princípios e elementos que são fundamentais para o Fórum de Comunidades, nosso movimento social que representa a comunhão de quilombolas, caiçaras e índios que estão na luta pela construção de outras formas de lidar com as pressões sobre o território.

Fábio José dos Reis Oliveira

Coordenador do Núcleo de Transição Tecnológica do Observatório de Territórios Saudáveis Sustentáveis, em parceria com o Fórum de Comunidades Tradicionais

Não tem muito segredo nem muito especialista: a resistência se faz de diversas formas

Tanto nós aqui em baixo como eles na serra, somos um movimento de resistência e de luta. Para nós, o que grita mais alto é a luta pela garantia da terra e do território, pelos direitos das populações. No intercâmbio com a SerrAcima, conseguimos nos identificar enquanto movimentos e resistências, pois eles estão na resistência ao modelo de desenvolvimento e a gente se identifica como dois parceiros que estão na mesma caminhada. Conseguimos trocar: eles com os avanços e conquistas da agroecologia, que para nós é um norte, e nós mais a questão do território, que toma conta do nosso dia a dia. Eles ajudam a gente a acender essa chama, a acrescentar em nós que se dedicar à produção agroecológica também é uma forma de resistir e nós contribuimos com eles nas questões da organização e da luta pelo território, com o exemplo de mobilização e articulação mais ampla por direitos embasada nos povos e comunidades tradicionais.

Para nós, tem sido muito importante esse contato porque é impactante ver aquele volume de produção e as famílias vivendo realmente da agroecologia, tomando conta e avançando nas políticas públicas, como o PNAE, PAA e Certificação Participativa. São processos de lutas nas quais nós também estamos inseridos. São nortes que a gente também vislumbra e com eles vemos a coisa acontecer, o que nos alimenta muito de que estamos no bom caminho, de que o caminho é esse. E para eles também é interessante ver nosso universo de mobilização social, pois garantir a terra é garantir a tradicionalidade e a agroecologia bebe dessas fontes.

Participamos de duas edições das feiras de sementes promovidas pela SerrAcima, fizemos um esforço para ter esse intercâmbio cultural entre os grupos e isso desmistificou preconceitos - porque tem preconceitos raciais, de gênero... e sem avançar nisso não acreditamos que estamos fazendo agroecologia. Vi isso da primeira vez que chegamos com os tambores, com os cocares, como foram os olhares e a recepção. E da segunda vez a recepção já foi outra, o calor humano por parte dos agricultores, a identificação com o nosso grupo e a abertura de braços e de coração. Não foi à toa que a gente levou o jongo, o tambor de crioula, o curau indígena, o cacique para fazer uma fala.

A resistência se faz de diversas formas e o intercâmbio tem sido nossa maior forma de avanço: quando uma comunidade dialoga com a outra é que tem um salto, um aprendizado. Não tem muito segredo e não tem muito especialista. Temos aprendido muito com esses intercâmbios e é nisso que investimos para o futuro: cada vez mais intercâmbios, caravanas, partilha de conhecimentos.

Érika Braz Moço

do Fórum de Comunidades Tradicionais, coordenadora de Turismo de Base Comunitária com atuação na área de produção cultural e patrimônio imaterial

O poder público não consegue fazer sozinho

A SerrAcima tem um papel importante na alimentação escolar, especialmente porque Cunha é um município territorialmente extenso, com mais de 50 unidades escolares espalhadas ao longo de mais de 1400 km². Nesse sentido, é fundamental a coordenação que a SerrAcima faz com os produtores que estão na zona rural. As reuniões periódicas, as orientações, todo esse trabalho tem agregado muito à qualidade do produto servido na merenda escolar. Se não fosse isso, estaríamos numa situação bastante complicada. O pessoal da SerrAcima está diretamente ligado a cada produtor rural, mostrando que é possível fornecer para o município, que é possível receber em dia

Como era antes da agricultura familiar? A escola comprava produtos industrializados. Eram muitas vezes enlatados e havia uma grande rejeição por parte dos alunos. Sou professor há mais de 25 anos e assisti diretamente: se você coloca um alimento que não tem qualidade, ele volta para o lixo. Muito diferente de hoje, que eu vejo chegar caixas e mais caixas de verduras e legumes que são consumidas por todos os alunos. Não sobra nada! Os nossos alunos estão aprendendo a comer de forma correta, muitos têm mudado o hábito alimentar. Estamos cultivando isso desde a creche e a pré-escola e temos hoje uma necessidade de ampliar o número de fornecedores para a merenda escolar.

Todos, como cidadãos participativos, têm o seu papel na sociedade. A participação da SerrAcima traz muitos benefícios, nos ajuda a gerir melhor a situação do município, porque o poder público não consegue fazer isso sozinho.

José Eder

Subsecretário de Educação do Município de Cunha

Troca de produtos, trocas comerciais

Temos dialogado com o pessoal de Paraty e de Ubatuba, que também é agricultor mas trabalha focado na questão agroflorestal, como o manejo sustentável da palmeira juçara; e com o pessoal de São Luis Piraitinga, que trabalha com agroecologia. Temos estreitado bastante essas conversas, com troca de experiências e eventos, como seminários e a feira de sementes. Os índios e quilombolas são da região de Paraty, lá eles têm um grupo de trabalho bacana e uma produção diferenciada. Os nossos produtos, não dá para produzir lá em baixo, que aqui é mais frio. Então, dá para trocar para comercializar.

Lucimeire

Cunha

O carro chefe nosso de Cunha é o pinhão, e o deles é o palmito juçara. Houve conversa pensando em futuramente fazer troca de produto, pensando em trocas comerciais.

José Lourival, "Val"

Cunha



Na linha de articulação e incidência trabalhada e almejada pelas famílias, uma estratégia central é a participação qualificada em instâncias de planejamento e deliberação nas esferas executivas municipal, estadual e nacional, como os conselhos de desenvolvimento rural e de alimentação escolar. Os agricultores e agricultoras familiares e SerrAcima atuam incidindo diretamente no acesso a políticas e programas públicos da agricultura familiar e da agroecologia, por exemplo realizando a certificação participativa da Organização de Controle Social do GAFAC, a venda direta de produtos da agricultura familiar para alimentação escolar por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar e interagindo, via Articulação Nacional de Agroecologia, com o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica - PLANAPO.

Assim, os agricultores familiares agroecológicos parceiros da SerrAcima vêm fortalecendo e ampliando sua capacidade de articulação política em nível local, regional e nacional, segundo a visão da agroecologia como um campo de atuação no qual as dimensões culturais, econômicas, sociais e políticas são tão importantes quanto a dimensão ecológica da produção da agricultura familiar. Nesse caminho, a SerrAcima vem ampliando sua ação, atenta a movimentos sociais e processos de articulação e incidência política.

Parcerias com prefeituras

- Coordenadoria de Assistência Técnica Integral – CATI /Prefeitura Cunha - Mapeamento de novas famílias, emissão de DAPs, interação em espaços públicos, inclusão no Cadastro Ambiental Rural - CAR. Com a emissão de seus DAPs, as famílias beneficiárias passam a poder acessar políticas públicas direcionadas à agricultura familiar. A parceria possibilitou mais recentemente a inclusão de parte das famílias no CAR.
- Prefeitura Municipal de Cunha: Compra de produtos das famílias para o PNAE, apoio à IV Feira de Sementes Crioulas.
- Prefeitura Municipal de Lagoinha: Realização e conclusão no processo de formação em agroecologia e comercialização e na continuidade de assessoria às famílias.
- Prefeitura Municipal de Silveiras: Apoio ao mapeamento e mobilização de famílias, diálogos sobre políticas públicas e participação em ações do projeto no município. A parceria se dá através da Secretaria de Agricultura.



O CAMINHO SERRACIMA

Quando tivemos a primeira oportunidade de mudar, com as pessoas querendo ajudar a transformar, a gente agarrou e não soltou mais. Este é o caminho, vamos em frente. Não adianta querer forçar a mudança: em primeiro lugar, a gente precisa ter certeza do que quer fazer. E como a gente gosta do que faz, então por isto está dando certo.

Lucimeire
Cunha



SerrAcima é uma organização não governamental focada em uma agricultura baseada em princípios de respeito e valorização dos conhecimentos tradicionais, da cultura local, dos recursos naturais e da sabedoria popular em diálogo com o conhecimento técnico. A missão da SerrAcima é contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas com foco no desenvolvimento da agricultura familiar, de maneira a gerar protagonismo e renda, valorizando o papel que as famílias da agricultura familiar têm de guardiões da vida, da biodiversidade, de valores como a partilha e a troca de conhecimentos.

SerrAcima se insere no movimento agroecológico, experimentando a agroecologia como suporte técnico e ideológico para propor uma visão integrada das unidades familiares enquanto locais de produção para autoconsumo e comercialização, recuperação ambiental, convivência social e manifestação cultural. Nesse entendimento, a agroecologia vem se desenvolvendo a partir de experiências locais que vão construindo caminhos - não alternativos, mas concretos - para uma outra forma de desenvolvimento. Caminhos que não venham de cima para baixo, mas sejam uma construção coletiva, que valorizem o amor, a troca, a realidade das pessoas envolvidas, e que as inclua; que valorizem as mulheres e os jovens, na contramão do agronegócio, que vem pautando uma produtividade a qualquer custo. O que a agroecologia propõe é uma produção que garanta a permanência com felicidade das pessoas no campo, nos lugares aonde elas têm identidade; que possibilite a inserção das famílias na sociedade como protagonistas dos seus trabalhos.

E nessa caminhada a SerrAcima, que começou em Cunha, nos últimos dois anos ampliou-se no território, na região do Vale do Paraíba, passando a atuar também nos municípios de Lagoinha e Silveiras.

Há uma grande motivação das famílias em manterem o trabalho que, por ser construído junto, é de todos. Não mais uma proposta, mas uma realidade concreta. Esse é um grande resultado, a consolidação das experiências e a animação com elas, a vontade de dar continuidade e de querer cada vez mais ampliar. Com alegria, confiança e brilho nos olhos.

Luana
SerrAcima



Quando eu vim para Cunha, a intenção era ter um local para trabalhar e cuidar de crianças. Da casa-abrigo, surgiu o sonho de manter uma ONG e daí criamos a SerrAcima com um grupo de cunhenses, inclusive o nome SerrAcima foi dado por uma professora, a Ruth. O trabalho avançou muito; os agricultores não tinham a participação que eles têm hoje dentro da SerrAcima. Foi feito um trabalho muito interessante. Eles mudaram muito! Hoje não só são conhecedores daquilo que fazem, mas já têm noção, por exemplo, do produto, do contato com o comprador, das relações humanas que foram criando. É bonito este processo, tudo muito organizado, produtos ótimos! A feirinha tem bastante gente que frequenta e está num lugar ótimo, de fácil acesso... É um trabalho que eu considero muito! Os agricultores evoluíram muitíssimo e levam os filhos pequenos, estão melhor economicamente, eu sinto que estão alegres, felizes mesmo. Mudaram sua forma de ver as coisas, estão com os olhos mais abertos e mais participativos. Sou entusiasta da SerrAcima e vou muito à feirinha, com uma alegria e uma satisfação de estar lá com eles. Sou bem orgulhosa desse trabalho, tenho um carinho, me comove sempre quando os vejo na feira muitas vezes conversando, sentindo a diferença. SerrAcima para mim é um amor filial.

Dulce Maia
Sócia-fundadora da SerrAcima

Olhando para a frente

A gente anda em contra-maré porque o agronegócio está sempre pronto a englobar todo mundo. Mas eu espero que essas famílias persistam, resistam e que outras novas venham a se agregar a esse trabalho. E que a natureza ganhe com isso e as famílias fiquem mais felizes com esse estilo de vida tão saudável.

Alketa
SerrAcima



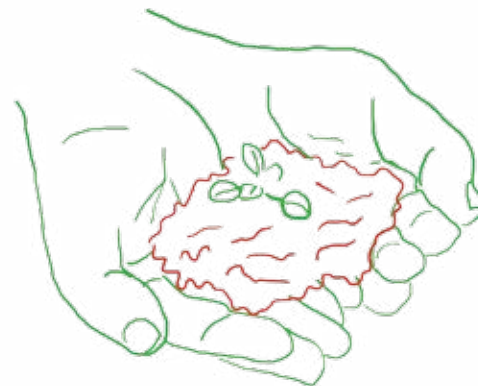
Tudo o que eu tenho estou passando para um menino meu parente, de 15 anos, que me disse que está interessado. É muito importante pensar em colocar alguém para continuar o que a gente está fazendo.

Moizés
Cunha



A divulgação do trabalho é fundamental pra gerar novos interessados e trazer outros parceiros para ajudar a SerrAcima, que hoje é totalmente dependente de projetos, e os projetos acabam. Ter outros parceiros é muito bom para estar trabalhando a agroecologia.

Lucimeire
Cunha



Temos que fazer que nem a galinha: botar o ovo e cacarejar. Divulgar cada vez mais o que está sendo feito, isto ajuda a conscientizar outras pessoas.

Joás
AMPRASP
Cunha



Um desafio que a SerrAcima tem condições de assumir é aumentar o seu alcance de atendimento, de conscientização e trabalho para diferentes tipos de público, além da agricultura familiar. E possibilitar às famílias se empoderarem ainda mais, além do que já temos caminhado para isso. A proposta não é só conseguir mostrar a capacidade, mostrar que o agricultor, o jovem, a agricultora são capazes de fazer, mas também quebrar um pouco a questão da sociedade de consumo em que ele está inserido, pois é difícil desconstruir. Dá resultado, mas tem que ser um trabalho contínuo. Leva mais que um ou dois anos, não dá para fazer só com projetos curtos.

Ismael
SerrAcima



Antes, a gente trabalhava só no convencional mesmo, no adubo químico, com veneno. E não tinha tanto espaço porque a concorrência era grande com o pessoal que estava há mais tempo no mercado. Se não fosse este trabalho, pode-se dizer que hoje em dia alguns agricultores até teriam parado de plantar, teriam vendido a sua terra. Melhorou muito porque abriu um outro campo para a gente trabalhar, uma outra visão de vida para a gente, com outra qualidade. Se não fosse esta proposta, eu acho que ainda estaríamos de olhos vendados. Foi através dela que nós entramos nessa lida e pretendemos ir cada vez mais longe! Espero para o futuro aumentar ainda mais a produção, as vendas, abrir novos mercados de comercialização. Crescer mais. Minha ideia é continuar, de preferência, na terra. Confesso que até tentei seguir outro caminho, mas não era o que eu queria. Então é melhor eu voltar para casa e continuar sujando a mão de terra.

José Amâncio, "Gu"
Cunha

Para o futuro, pensando no grupo que trabalha com verdura orgânica, penso de não comercializar só em Cunha, porque aqui todo mundo tem a sua hortinha e é mais difícil. Se tivesse um projeto, eu tenho em mente conseguir uma feira em Guaratinguetá. Se o grupo conseguisse montar uma feirinha orgânica lá, todo sábado e quarta, teríamos uma chance imensa. Crescer cada vez mais! Não é só plantar uma hortinha para consumir, mas para ganhar também a renda, tirar o dinheiro do sustento da família. Podia ser uma vez em Cunha, uma vez fora, seria ótimo!

Ailton, "Zac"
Cunha

A agroecologia vai ser o caminho do futuro. Tem que trabalhar mais com a agroecologia, mais pessoas conscientes, lutar para novas famílias virem. Hoje, conversando com pessoas de mais idade, elas têm uma preocupação que o Brasil vai passar fome. Se não trabalhar a questão da agroecologia, não vai ter como trabalhar. A geração futura talvez tenha emprego, mas não vai ter água nem alimento na mesa com qualidade. Então eu vejo que a agroecologia vai ser o caminho do futuro.

Lucimeire
Cunha

• Agricultoras e Agricultores • experimentadores •

Adail Angelo
Adir Pereira
Ailton Ferreira Chaves
Alcineu Amancio
Ana Angelo
Anísio Domingos Dos Santos
Antonio César Mendes
Aparecida Aires Dos Reis Santos
Aparecida Margarida da Motta
Augusto Ribeiro
Benedito Aires dos Reis
Carmelina Rosa Da Silva Gomes
Clarice Barbosa Reis Castro
Cremilde Alves De Toledo Teixeira
Damaris Ferreira Chaves Pacheco
Débora Tatiane Motta
Donizeti Libanio de Siqueira
Douglas José Monteiro
Edelvan de Toledo Teixeira
Evandro Aparecida Ramos
Geralda Maria Fonseca Do Rosário
Gislaine Martins da Silva Carvalho
Haílton Monteiro Pereira
Hermenegilda Angelo
Jair Rosa Da Silva
Jairo Dos Santos
Janaina Angelo
Jandir de Paula Gouvea
Jeandre Aparecida Angelo
Joaquim Jacinto De Amorim
José Antônio de Almeida
José Augusto Amâncio
José Augusto de Almeida
Jose Benedito Castro
José Bicudo Lemes
José Lourival Pereira
José Ronaldo Monteiro
Juliano Santos Monteiro
Julio César Silva Pacheco

Lenice De Fátima Borges Ernestino
Lorival José Teixeira
Lucimeire Alves De Toledo Pereira
Luiz Domingos Brito
Marcos Luiz Gomes
Maria Aparecida Dos Santos Justino
Maria Cirene Dos Santos
Maria Dailsa De Carvalho Amâncio
Maria Dolores Da Silva Felipe Ramos
Maria Helena Da Silva Amorim
Maria Rosario Santos Gouvea
Marilza Lopes Da Silva Prado Reis
Moizes Chaves Dionízio
Nilza Divina Monteiro Pereira Monteiro
Olinda Lopes de Siqueira
Olivino Angelo
Osimar Ribeiro Teixeira
Osmair Pereira
Otair Monteiro Teixeira
Otávio de Carvalho Oliveira
Renato Noel Amancio
Roque Ernestino
Rosana Carvalho Santo Pereira
Rosinéia Aparecida Mota Pereira
Rosinéia Aparecida Mota Pereira
Tamires Oliveira Amorim
Tereza Monteiro dos Santos
Zenilda Barbosa Reis Oliveira

• Participaram também do projeto •

Ademar Monteiro
Adilson Rosário de Araújo
Adriana Aparecida da Silva Pacheco
Alair Pinto dos Santos
Alexandre Barboza Junior
Aline Harumy de R. H. Franco
Alvaro José de Oliveira Toledo
Amanda Barbosa dos Santos
Ana Aparecida I. Ribeiro
Ana Gomes Ventura
Ana Gonçalves de Oliveira

Ana Maria de Souza
Ana Ramos de Freitas
Anacleto Eleodoro Bastos
Anderson Monteiro Guimarães
André de Freitas Sardinha
Angélica Barbosa dos Santos
Armilando dos Santos Pacheco
Beatriz dos Santos Monteiro
Benedita Aparecida da Silva
Benedito Alair Pereira
Benedito Alair Pereira
Benedito Celestino de Carvalho
Benedito Domingos
Benedito Gomes Sardinha
Berenice Juviano da Silva
Carlos Leonardo da Silva
Carmina Oliveira Santos Breve
Claudete Monteiro
Cleitom Alex Reis Castro
Cleumenice Siqueira Freitas
Clodoaldo Monteiro
Daniela Aparecida da Silva Sardinha
Daniele Freitas Sardinha Santos
Darcio Vaz da Silva
Darlene Bruno Monteiro
Denis Monterio
Denisia A. T. Monteiro
Diego de França Mota Barbosa
Dirceu Domingos dos Santos
Edgar Ramos
Edvânia Alves de Toledo
Elcio Alves Toledo
Eliane Barbosa dos Santos
Euclides José Monteiro
Euclides José Monteiro
Eufrazio Inacio dos Santos
Euzébio José Motta
Fabiano de Freitas Sardinha
Fábio Henrique Viegas de Oliveira
Fernanda de Brito dos Santos
Fernando Augusto Carvalho França
Flavia Barbosa dos Santos

Francisco Carolino da Silva
Giovani de Jesus Bento
Gislene Alves de Toledo
Helton José Monteiro
Honorina Alves de Toledo Filho
Ildevam dos Santos Justino
Isabel Cristina da Motta
Isabel Cristina Nascimento da Motta
Izael Aires dos Santos
Jair de Freitas Mota
Jean Gilson dos Santos
João de Jesus
Joas Ferreira de Oliveira
Jorge Nilo Cabral
José Ademir Silva Pacheco
José Anthero dos Santos Junior
José Carlos de Souza
José dos Santos Carneiro
José Carlos Duarte
José de Freitas Motas
José Dirlei Pena Firma
José dos Santos Carneiro
José Luiz ds Oliveira
José Milton Monteiro
José Odair Pereira
José Renan de Carvalho
José Rubens Monteiro
Josiane de Jesus Bento
Josieli de Jesus Bento
Josivaldo Bento de Jesus
Juliana de Brito
Jurandir Pacheco Monteiro
Juscieli Junior Bento
Laura de Freitas Sardinha
Laurinda Maria dos Santos
Liliam Mota Barboza
Luiz Barbosa
Luiz Fernando de Carvalho
Marcela Lorrana V. da Silva
Marcelo da Silva
Marcos César Carvalho
Marcos César de Carvalho

Maria Berenice Monteiro
Maria da Conceição Mendes
Maria das Graças Silva
Maria Dolores de Oliveira Toledo
Maria Helena Almeida
Maria Helena Monteiro Toledo
Maria Indocassina Rodrigues
Maria Ivonete Monteiro Sampaio
Maria Margarete Sampaio de Araujo
Maria Mota Barbosa
Mariléia de Freitas Sardinha
Marinete Aparecida Pereira
Marlene Aparecida de Franca Pinto
Micheli Sabalianskas da Silva
Mirian Marcelli de Souza dos Santos
Miriane Marcelli de Souza dos Santos
Nadir Aparecida dos Santos
Nadir Barboza Bastos
Nativa Ribeiro da Silva Oliveira
Neide Maria Jesus Barbosa
Nelson Batista da Rocha
Nelson Sanches Filho
Neusa Ferreira de Almeida
Neusa Madelena da Silva
Neuza Maria Monteiro Pereira
Nilton César Monteiro
Oscar Pinto dos Santos
Osmar de Campos França
Regina dos Santos Pacheco
Roberto Joaquim Nunes
Robson Luis Borges Ernestino
Rodrigo Augusto Ferreira
Rodrigo de França Barbosa
Rodrigo Rocha da Silva
Rosiely Aparecida Angelo
Salette Aparecida Felipe Ramos
Sebastião Venancio
Sheila Barbosa dos Santos
Sidnei Anacleto Bastos
Silvano Pereira
Silvia Helena Pinto Monteiro
Sueli Liege Chaves Araujo

Taine Domingos dos Santos
Tais Olanda dos Santos Pacheco
Tatiana de Brito Chagas
Terezinha Maria de Jesus Bento
Vagner Luiz Rodrigues Silva
Valdecir Moraes
Valdirene Alves de Oliveira Carneiro
Vania dos Santos Nunes
Vera Lucia de França Mota Barbosa
Vicente Mauro Ribeiro
Vicentina Guarda dos Santos
Vitor Batista Quirino da Silva
Walter Vaz da Silva
Washington Henry Ventura Domingos
Welinton de Toledo Teixeira
Wilson Barboza dos Santos
Zilda Leonel

Serra Acima Associação de Cultura e
Educação Ambiental - SerrAcima

Diretoria

Silvana Bastos - presidente
José Lourival Pereira - Secretário /
Vice-presidente
José Augusto Amâncio - Tesoureiro

Conselho Fiscal

Jairo dos Santos
Adir Pereira
Hailton Pereira
Hermenegilda Ângelo dos Santos
Lourival José Teixeira

Rua José Flamino Barbosa, 142
Cunha – SP
CEP: 12.530-000
(12) 3111 1744
www.serracima.org.br